

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**SANNA KELLEN DAMASCENO MATOS**

**EDUCAR PARA O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS: QUESTÃO INDÍGENA NA SALA  
DE AULA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS**

PARINTINS  
2018

**SANNA KELLEN DAMASCENO MATOS**

**EDUCAR PARA O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS: QUESTÃO INDÍGENA NA SALA  
DE AULA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Mônica Xavier de Medeiros

PARINTINS  
2018

**SANNA KELLEN DAMASCENO MATOS**

**EDUCAR PARA O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS: QUESTÃO INDÍGENA NA SALA  
DE AULA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profª Dra. Mônica Xavier de Medeiros**  
Universidade do Estado do Amazonas

---

**Prof. Msc. Clarice Bianchezzi**  
Universidade do Estado do Amazonas

---

**Prof. Msc. Renner Dutra**  
Universidade do Estado do Amazonas

## **DEDICATÓRIA**

*Aos meus pais **Eldenice Damasceno** e **Newton Matos**.*

*Aos meus irmãos **Kelly**, **Keise**, **Newton Júnior**, **Lana**,*

***Ewerton** e **Fernanda Damasceno**.*

*Aos meus avós **Lacy**, **Nemézio** e **Nazaré** (in memoriam)*

*Ao meu namorado **Júnior Fuziel**.*

## AGRADECIMENTO

*Primeiramente, agradeço á Deus por ter-me amparado durante o curso e na elaboração deste trabalho.*

*Agradeço aos meus pais Eldenice Damasceno e Newton Matos pelo incentivo e apoio desde o ingresso ao curso de Pedagogia até finalizá-lo, foi o amor e o carinho recebido destes que me motivaram a prosseguir e concluir este curso.*

*Aos meus irmãos, tanto os que estão próximos, quanto aos que estão longe, e que mesmo assim me deram apoio e palavras de incentivo para concluir este percurso.*

*Ao meu namorado Júnior Fuziel, que me deu muito incentivo e apoio, que nos momentos difíceis esteve sempre ao meu lado me incentivando a nunca desistir.*

*Em especial a Professora Doutora Mônica Xavier pela paciência e contribuição durante a construção do trabalho.*

*As amigadas construídas durante esta caminhada, Melissa, Erilene, Adria, Soraia e Izaurene, pelo companheirismo, sempre apoiando uma a outra nos momentos de dificuldades durante o curso.*

*Aos colegas, que percorreram e lutaram muito para conquistar mais esta etapa de nossa vida.*

*Por fim, aos demais familiares e amigos, que contribuíram direta ou indiretamente com esta conquista.*

*“E vocês, da sociedade dos brancos, também podem ajudar nessa luta. Primeiro, procurando se informar mais sobre a realidade de cada povo. Compreender o povo indígena. Os brancos precisam buscar, lá no fundo do coração deles, a verdade que existe e que tentam esconder.”*  
*(Aurivan dos Santos Barros, líder Truká)*

## RESUMO

Este trabalho mostra os resultados e discussões da pesquisa intitulada “Educar para o respeito às diferenças: questão indígena na sala de aula no município de Parintins” que teve por objetivo analisar o livro didático de História de 3º ano do Ensino Fundamental I, demonstrando se os livros didáticos e de apoio evidenciam a realidade indígena, suas lutas, manifestações e culturas, e perceber através de questionários a visão das professoras quanto á temática, assim como também aos livros adotados. As metodologias adotadas foram a abordagem dialética, pesquisa de natureza qualitativa, tendo como método de procedimento a pesquisa de campo. Para a construção deste trabalho apoiou-se em estudos realizados por autores como, Cunha (1992), Freitas (2010), Grupioni (1995), Hall (2006), Lander (2005), Paiva (2012), Silva (2012), Todorov (1999) e outros autores que discutem sobre esta temática. Através das análises concluímos que alguns livros não se adequam muito as discussões atuais sobre os povos indígenas, trazem concepções atrasadas e/ou não inclui o indígena como parte da identidade cultural do país, enquanto outros se sobressaem quando trazem discussões e ideias que respeitam a história, a cultura, os direitos e lutas desses povos. A análise dos questionários levou a conclusão que as professoras acreditam que esta temática seja de suma importância para a construção de uma sociedade tolerante, que respeite as diferenças, mostrando preocupação quanto o combate ao racismo e discriminação, e que através dessas discussões em sala de aula veem um modo de contribuir para combater estas problemáticas na sociedade. A maioria das professoras entendem que o livro didático não ajudava nesta discussão, portanto deve-se atentar à estas críticas, visto que são elas que estão diariamente com seus alunos, percebendo suas necessidades e os seus problemas. Acreditamos que esta monografia venha incentivar para um olhar diferenciado ao livro didático de História e que precisamos adequar os livros didáticos para que ajudem a refletir a questão indígena no momento atual.

Palavras- chave: Questão Indígena. Livro didático de História. Parintins.

## ABSTRACT

This work shows the results and discussions of the research entitled "Educating for Respect for Differences: Indigenous Issues in the Classroom in the Municipality of Parintins". The purpose of this study was to analyze the textbook of History of 3rd year of Elementary Education I, demonstrating the textbooks and support books show the indigenous reality, its struggles, manifestations and cultures, and to perceive through questionnaires the teachers' view of the subject, as well as the books adopted. The methodologies adopted were the dialectical approach, qualitative research, having as a method the field research. For the construction of this work it was supported by studies carried out by authors such as, Cunha (1992), Freitas (2010), Grupioni (1995), Hall (2006), Lander (2005), Paiva Todorov (1999) and other authors who discuss this subject. Through the analysis we conclude that some books do not fit very much the current discussions about the indigenous peoples, they bring back conceptions and / or it does not include the indigenous one as part of the cultural identity of the country, whereas others stand out when they bring discussions and ideas that respect history , the culture, rights and struggles of these peoples. The analysis of the questionnaires led to the conclusion that the teachers believe that this theme is of paramount importance for the construction of a tolerant society that respects the differences, showing concern about the fight against racism and discrimination, and that through these discussions in the classroom they see a way of contributing to combat these problems in society. Most teachers understand that the textbook did not help in this discussion, so one must pay attention to these criticisms, since it is they who are daily with their students, perceiving their needs and their problems. We believe that this monograph will encourage for a different look at the textbook of History and that we need to adapt the textbooks so that they help to reflect the indigenous question in the current moment.

Keywords: Indigenous Question. History textbook. Parintins.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

PCN- Parâmetro Curricular Nacional

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

MEC- Ministério da Educação

PNLD-Programa Nacional do Livro e do Material Didático

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I</b> .....	12
1.1 QUESTÃO INDÍGENA NA HISTÓRIA.....	13
1.2 QUESTÃO INDÍGENA NA SALA DE AULA .....	21
1.2.1 DOCUMENTOS E LEGISLAÇÃO: TEMÁTICA INDÍGENA NA SALA DE AULA. .....	21
1.2.2 A ESCOLA E A QUESTÃO INDÍGENA .....	24
<b>CAPÍTULO II</b> .....	31
2.1 CAMINHOS DA PESQUISA .....	32
<b>CAPÍTULO III</b> .....	38
3.1 ANÁLISES E DISCUSSÕES .....	39
3.1.1 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS.....	39
3.1.1.1 LIVRO DO CENTRO EDUCATIVO “NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS “ ...	39
3.1.1.2 LIVRO DIDÁTICO DA ESCOLA MUNICIPAL “CLAUDEMIR CARVALHO”...	42
3.1.1.3 LIVRO DIDÁTICO ESCOLA MUNICIPAL DA “PAZ DE PARINTINS” .....	44
3.1.1.4 LIVRO DIDÁTICO DA ESCOLA ESTADUAL “PADRE JORGE FREZZINI” .	47
3.1.2. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS .....	50
3.1.2.1. PERGUNTA: QUAL A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR ESTE TEMA? .....	51
3.1.2.2. PERGUNTA: QUAL A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA? .....	52
3.1.2.3. PERGUNTA: O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA QUE A ESCOLA ADOTA AJUDA A TRABALHAR A QUESTÃO INDÍGENA EM SALA DE AULA? POR QUÊ? .....	53
3.1.2.4. PERGUNTA: COMO VOCÊ TRABALHA A QUESTÃO INDÍGENA EM SALA DE AULA? .....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	59
<b>APÊNDICES</b> .....	62

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de analisar o livro didático de História de 3º ano do Ensino Fundamental I, demonstrando se os livros didáticos e de apoio evidenciam a realidade indígena, suas lutas, manifestações e culturas.

Este tema surgiu a partir de discussões e conversações realizadas em sala de aula na disciplina Metodologia do Ensino/Aprendizagem da História, onde foi debatido como a cultura ocidental influencia na visão da história do indígena na sociedade e em várias outras questões, destacando-se os livros didáticos, que podem trazer visões errôneas sobre o indígena, daí surgiu o interesse em pesquisar como os livros de algumas escolas de Parintins apresentam a questão indígena em suas páginas.

Este tema é de suma importância, pois estamos falando de escolas do Amazonas, onde há uma diversidade de povos indígenas, tendo de acordo com o censo do IBGE de 2010 cerca de 342.836 mil indígenas que vivem na região Norte, ou seja, há presença desses povos em Parintins também.

É importante ressaltar que vivemos um momento crítico na história do Brasil, onde os direitos garantidos pela Constituição de 1988 estão sendo ameaçados, especialmente os direitos indígenas sobre suas terras, onde o presidente eleito discursa sobre a “integração” dos povos indígenas e titulação individual de terras, colocando em perigo os seus direitos que foram conquistados após muitas lutas e manifestações.

Discutir a temática indígena na atualidade é também refletir sobre como estas mídias apresentam este tema, pois muitas vezes é exposto de forma estereotipada e errônea, que incentivam o racismo, discriminação e preconceito racial para com estes povos.

Debater esta questão nos leva a pensar na escola, sendo um espaço onde nos deparamos com novos conhecimentos e informações, que vão contribuir na nossa forma de pensar e agir. Este espaço educacional deve estar aberto e predisposto a discutir temas da atualidade, que geram grandes debates na sociedade, como a questão indígena.

É importante que esta temática seja discutida em sala de aula e que envolva questões adequadas para que os alunos construam conceitos e socializem conhecimentos apropriados na sociedade.

Na sala de aula, o principal recurso didático que serve de apoio para professores e alunos é o livro didático, que é um instrumento que vem repleto de conhecimentos e discussões.

Por isso o intuito de analisar como o livro didático de História apresenta a temática indígena e se este ajuda os professores nas discussões voltadas a este tema.

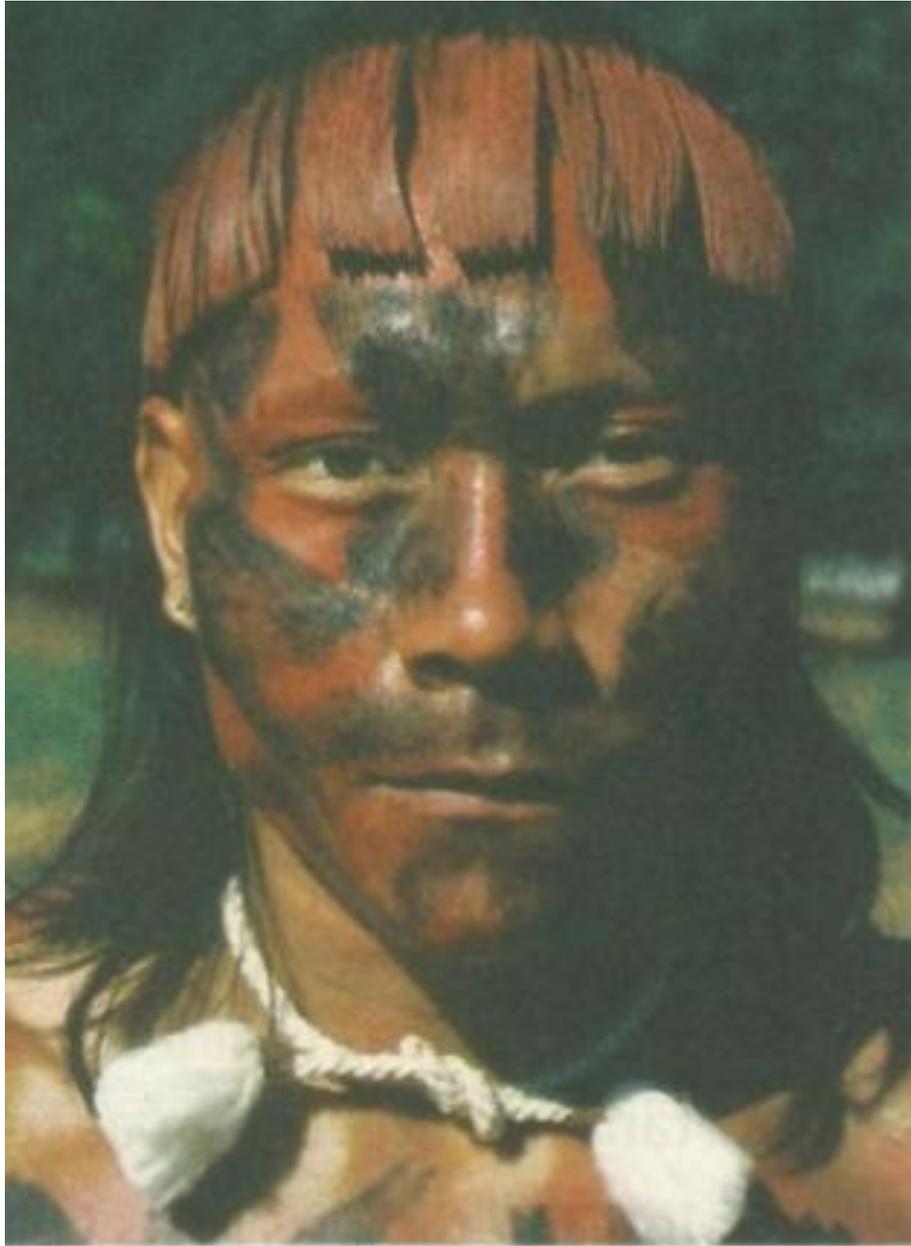
O que o livro utilizado pelos professores apresenta sobre a temática pode influenciar positivamente ou negativamente em como o aluno irá perceber a questão indígena, pois o livro é um recurso didático que o aluno tem acesso diariamente.

Toda a discussão presente no trabalho foi construída e embasada por teóricos e pesquisadores que debatem a questão indígena, como Paiva (2012) que apresenta como a história indígena pode ser trabalhada em sala de aula, assim como algumas inquietações, Silva (2012) que vem tratar das representações do indígena no livro didático e suas contribuições para a alteridade, e Todorov (1999) que vêm trazer as primeiras conclusões sobre os indígenas, de modo a percebermos como se propagou até hoje alguns pré-conceitos e conclusões sobre estes povos.

Tendo como metodologia a análise dos livros didáticos, e utilizando instrumentos como questionário com o propósito de compreender se os professores abordam e como trabalham a questão indígena com seus alunos e qual a importância de se trabalhar este tema. Assim como também se o livro didático de História que escola adota ajuda o professor a trabalhar a questão indígena, visto que é importante para o trabalho conhecer o ponto de vista dos professores quanto ao livro. Adotamos os métodos que melhor se adequaram a encontrar resultados importantes para a discussão.

O primeiro capítulo apresenta fundamentações teóricas que proporcionam discussões e visões do indígena no passado e na atualidade. Posteriormente, no segundo capítulo apresenta-se a trajetória metodológica adotada para a obtenção dos resultados da pesquisa. E o último capítulo explana as análises e discussões dos resultados obtidos.

# CAPÍTULO I



**Figura 1:** Imagem do livro de História do 3º ano do Ensino Fundamental I, coleção Brasileira

## 1.1 QUESTÃO INDÍGENA NA HISTÓRIA

A questão indígena é frequentemente motivo de discussão dentro da sociedade, alguns elementos se sobressaem nessas discussões, estes serão debatidos adiante. Sabemos que a marginalização dos índios decorre de um processo histórico, que vem reforçando continuamente visões estereotipadas e discriminatórias, que inferiorizam o indígena, em vista de questões econômicas e políticas, que favorecem os que detêm o poder.

Sobre esta questão buscamos apresentar como essa ideologia foi construída e como o tema é percebido atualmente. O primeiro ponto a ser discutido é a chegada do europeu à América, analisando a percepção que estes apresentaram do indígena e como tratou seu modo de vida e sua cultura.

O que se apresenta na história da chegada do europeu à América, geralmente é exposto como sendo o marco para a civilização das terras brasileiras. O olhar do europeu para o indígena foi de que eram seres desprovidos de inteligência, taxando-os como selvagens e primitivos, e que precisavam ser urgentemente civilizados e catequisados, fazendo o “bem” para estes, e que deviam aderir à cultura e religião europeia e abandonar às suas. Mas para esta tal civilização e catequização acontecer, utilizou-se de muita violência. Segundo Tzvetan Todorov (1999), os indígenas que se recusavam a abandonar seus costumes, religião e sua cultura, eram espancados e mortos. Os colonizadores utilizaram-se da violência para a aceitação e adesão do modo de vida europeu pelos indígenas.

A questão do etnocentrismo e da alteridade discutida por Todorov (1999) é uma problemática marcante na conquista da América. O etnocentrismo dos conquistadores os impedia de aceitar os indígenas como seres humanos iguais aos europeus, que acreditavam que a sua cultura e modo de vida eram superiores e deviam ser seguidos. Os europeus usavam a sua própria cultura (considerada superior e civilizada) como régua para medir a cultura dos indígenas. O etnocentrismo europeu hierarquizava as diferenças culturais o que resultava na subalternização da cultura indígena. Os conquistadores chegaram mesmo a considerar que os indígenas não tinham cultura e que por isso precisam aderir à sua. Esse pensamento embasava a política colonizadora, justificando inclusive as guerras e os genocídios perpetrados contra os povos indígenas americanos.

Assim como aponta Edgardo Lander (2005, p. 51) “[...] *Ocultam a violência do colonialismo e do imperialismo sob o manto embelezador das missões civilizatórias e planos de modernização [...]*”, tudo em prol da civilização e modernidade para que os indígenas pudessem seguir a cultura europeia e assim “evoluir”, acobertando todos os maus tratos sofridos por estes. Toda essa brutalidade em torno da civilização gerou milhares de indígenas mortos, como aponta Todorov:

[...] lembraremos que em 1500 a população do globo deve ser da ordem de 400 milhões, dos quais 80 habitam as Américas. Em meados do século XVI, desses 80 milhões, restam 10. [...].  
Se a palavra genocídio foi alguma vez aplicada com precisão a um caso, então é esse. É um recorde, parece-me, não somente em termos relativos (uma destruição da ordem de 90% e mais), mas também absolutos, já que estamos falando de uma diminuição da população estimada em 70 milhões de seres humanos (TODOROV, 1999, p. 158).

O que se apresenta frequentemente são os “ganhos” que o índio obteve com a colonização e não se mostra realmente a história do indígena durante esse processo, quantos índios foram mortos, quantas crianças morriam de fome e desnutrição, e quantas mulheres foram violentadas pelos colonizadores. Os indígenas eram vistos como inferiores aos europeus, por isso os massacravam, mas esse massacre não foi somente físico, mas também subjetivo, onde desejaram eliminar sua cultura e modo de vida, pois era visto como o errado. Assim como Stuart Hall (2006, pág. 60) aponta “[...] *Cada conquista subjogou povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas e tradições e tentou impor uma hegemonia cultural mais unificada [...]*”, o indígena foi julgado como inferior e sua cultura foi menosprezada. A partir disto decorreu a hierarquização dos seus saberes e culturas, onde o diferente foi desprezado e rebaixado a um nível inferior ao do colonizador. Como apresenta Todorov a respeito da visão do colonizador sobre o índio durante a conquista da América:

[...] Os índios e os espanhóis praticam a comunicação de maneiras diferentes. Mas o discurso da diferença é um discurso difícil. Já notamos, em relação a Colombo: o postulado da diferença leva facilmente ao sentimento de superioridade, e o postulado da igualdade ao de indiferença [...]

Diremos, desde já, que não há, evidentemente, nenhuma inferioridade "natural" dos índios no plano linguístico ou simbólico:

vimos, por exemplo, que na época de Colombo eram eles que aprendiam a língua do outro (TODOROV, 1999, p. 75).

Essa hierarquização dos saberes e culturas criada pelos colonizadores é fruto da falta de importância que é dada à cultura do indígena e também em vista de interesses econômicos, sendo que um dos motivos para a conquista era a exploração da terra e suas riquezas e a visão de que a cultura destes povos era sem importância facilitava o processo de conquista.

O desconhecimento desses povos gera conceitos elaborados precocemente e sem conhecimentos aprofundados. Isto se dava por conta do indígena ser diferente, então por isso inferior, já que a cultura europeia era vista como a certa, portanto superior. Todorov aponta que essa inferioridade é inexistente e preconceituosa, pois com a chegada dos europeus à América quem se prontificou a conhecer a língua do outro foi o indígena, muito por conta da falta de interesse do europeu com a sua cultura. Desde o início foram criados preconceitos e rótulos sobre o indígena, estes que se mantem até hoje, através das desigualdades e intolerâncias.

Essa percepção e desconhecimento propagou o equívoco da homogeneização dos povos indígenas, onde o termo “índio” foi introduzido pelos colonizadores para designar esses povos, apresentando como se não existissem diferenças internas entre eles e infelizmente esta ideia perpetuou até os dias atuais, por isso é importante alertar para o perigo da homogeneização de grupos indígenas de culturas distintas, pois caímos no erro de pensar que os povos indígenas adotam apenas uma língua e cultura.

Assim aponta Tassinari (1995, p. 466) “[...] os povos indígenas têm culturas diferenciadas e formas diversas de organização social.[...]” , essas diferenciações entre os povos indígenas se dão a partir de três critérios que são apontadas pela autora, o primeiro é a “diversidade linguística” que “[...] permite classificar as línguas indígenas e dialetos, em conjuntos maiores de famílias e troncos.[...]” (TASSINARI 1995, p. 467). A variedade de línguas pode ser um primeiro ponto para a diferenciação entre os povos, onde um povo não fala a mesma língua que outro ou podem haver semelhanças entre elas, mas que não existe uma língua comum a todos os indígenas.

O segundo critério apresentado são as “diferenças regionais”, onde “[...] os antropólogos podem trabalhar comparações regionais, levando em conta o critério

*das áreas culturais, definida como regiões onde os diversos povos que nela habitam compartilham traços culturais homogêneos[...]*”(TASSINARI 1995, p. 471). Este critério apresenta povos de culturas diferentes que vivem na mesma região, e que fazem trocas culturais entre eles, conhecendo e aderindo o que se vê como importante da sua cultura, mas sem perder a identidade de seu povo.

O último critério apresentado por Tassinari é a “diversidade no contato com a nossa sociedade”. Este tópico apresenta como cada grupo indígena se comportou com o contato com a sociedade não-indígena e chegou a conclusão que por mais que fossem grupos semelhantes, as formas de recepção desse contato se dão de modos diferentes. Os povos indígenas são divididos por etnias e cada etnia tem sua cultura e costumes. Há diversas formas de diferenciar um grupo indígena do outro, por isso é importante afirmar que os povos indígenas não são homogêneos, que não adotam a mesma cultura, costumes, cada etnia tem sua própria forma de organização e língua e que podem se assemelhar a outros grupos, mas não são iguais.

A história indígena geralmente está descrita a partir da chegada do europeu à América, deixando vago o período anterior a este acontecimento, por isso é importante reafirmar que o índio tem história antes da vinda do europeu. Cunha (1992) traz um estudo valioso para história dos antepassados do indígena, dando uma grande contribuição para a história da formação de suas sociedades. Cunha (1992) aponta que:

Sabe-se pouco da história indígena: nem a origem, nem as cifras de população são seguras, muito menos o que realmente aconteceu. Mas progrediu-se, no entanto: hoje está mais clara, pelo menos, a extensão do que não se sabe (CUNHA, 1992, p. 11).

Esse desconhecimento da História do Indígena está impregnada na falta de interesse por este tema e essa atitude faz transparecer que o índio não existia antes disto e que sua história só ganha reconhecimento depois da vinda do europeu. Antes desse contato parece que sua história não tem valor, que somente passa a valer quando são “civilizados”. Assim como já foi discorrido, muitos denominam os indígenas como povos primitivos, mas é importante apresentar que assim como nossa sociedade tem seu passado e se transformou durante o tempo adotando novos modos de organização, os povos indígenas também tem seu passado, que se

transformou ao longo do tempo, até chegarem aos modos de viver e costumes que adotam atualmente. Cunha enfatiza que:

A maior dessas armadilhas é talvez a ilusão de primitivismo. Na segunda metade do século XIX, essa época de triunfo do evolucionismo, prosperou a ideia de que certas sociedades teriam ficado na estaca zero da evolução, e que eram portanto algo como fósseis vivos que testemunhavam do passado das sociedades ocidentais (CUNHA, 1992, p. 11).

Esta ideologia que os indígenas são nossos antepassados e que ficaram estagnados no tempo está impregnado e é baseado em um pensamento de evolução, por isso a utilização do *primitivo* para denominar o indígena, e moderno para a dita “cultura ocidental”. Mas é importante ressaltar que são sociedades que se estruturam em modos singulares de organização, de costumes e religião. Assim como outras sociedades organizam modos diferentes de percepção do mundo, cada sociedade se transformou particularmente, baseada em suas experiências e crenças, e isso estabeleceu sua formação e transformação.

Por que o indígena tem que ser visto como “*antepassado*” que não “*evoluiu*”? Essa visão preconceituosa sobre os povos indígenas vem sendo reforçada desde a chegada dos europeus até os dias atuais. A falta de estudos e pesquisas da história indígena contribuem para a reafirmação desses estereótipos.

Por isso é importante esclarecer que muito antes da chegada dos portugueses no Brasil, “[...] *todo o ‘país’ já estava ocupado desde há 12 mil anos. A população era densa, pelo menos na região Nordeste, a partir de 8 mil anos.[...]*” (CUNHA 1992, p.52). Os antepassados dos indígenas já habitavam o lugar, muito antes da chegada do europeu, e de acordo com pesquisas de Cunha (1992), foram se transformando com o tempo, formando grupos, costumes e modos de comunicação, se constituindo enquanto povos indígenas.

Nesta discussão é importante ressaltar que são poucos os estudos sobre os antepassados indígenas, sua formação e história antes dos portugueses. É comum se deparar com pesquisas sobre história indígena a partir da chegada destes, por isso Cunha (1992,p. 52) aponta que “*um projeto de âmbito nacional deveria ser criado para pesquisar, de modo intensivo e estruturado, as origens pré-históricas dos grupos indígenas brasileiros*”, reforçando que os indígenas fazem parte da

construção da sociedade brasileira e que por isso sua história deve ser valorizada e pesquisada, pois conhecer as origens pré-históricas dos indígenas é conhecer nossa história também.

Nessa discussão sobre os povos indígenas se sobressai a construção da identidade indígena. A identidade de um povo se constrói a partir de processos históricos, culturais e sociais.

Sobre a questão da identidade, convém ressaltar que “[...] *É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2006, p. 13).*”

A construção da identidade indígena não seria diferente, se constrói e reconstrói no tempo. Mas a aceitação desta identidade se deu a partir de muitas lutas. Os povos indígenas estão articulados a um processo histórico onde se quis impor a identidade do outro (europeu, ocidental) acima da indígena, pois o diferente não era aceito, e ainda hoje se predomina esta ideia. É importante ressaltar que a identidade se constrói a partir das diferenças entre os povos. Segundo Candau apud Silva (2012):

É importante ressaltar que a identidade se associa intimamente com a diferença: o que somos se define em relação ao que não somos ... As afirmações sobre identidade dependem da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são inseparáveis ... as diferenças são construídas socialmente e subjacentes a elas, se encontram relações de poder. O processo de produção da diferença é um processo social, não algo natural ou inevitável (CANDAU, 2008, p.44 apud SILVA, 2012, p. 152)

A identidade e diferença estão fortemente entrelaçadas, onde as diversidades de identidades se baseiam nas distinções entre os povos. A construção da identidade indígena depende das diferenças que esta tem dos outros povos, e é a partir daí que se constrói a identidade do indígena, este processo está ocultamente interligado nas relações de poder.

É importante ressaltar que a questão da identidade indígena gera duas discussões importantes em sua construção, pois a primeira identidade do indígena foi imposta com a chegada do europeu, o qual denominou características generalizadas para todos os indígenas, sem distinções entre as etnias, daí o termo

“índio” para designar os povos nativos da terra, pois os europeus estavam em viagem em busca das “índias orientais”, acreditando ter chegado nestas terras, por isso atribuíram este nome. Portanto a primeira identidade indígena foi estabelecida pelo outro. A segunda identidade é a construída pelos próprios indígenas ao lutarem por seus direitos e por suas terras, protegendo-as contra o desmatamento e prejuízos, que projetos de mineração e abertura de estradas podem acarretar, iniciando assim movimentos e reivindicações em prol do reconhecimento de seus direitos e lutas dentro da sociedade, ao qual os indígenas são protagonistas da construção de sua própria identidade.

Assim como Candau (2011) afirma:

As diferenças são então concebidas como realidade socio-históricas, em processo contínuo de construção-desconstrução-construção, dinâmicas, que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder. [...] combatidas as tendências a transformá-las em desigualdades (CANDAU, 2011, p. 246)

Dentro desse processo de identidade e diferença se imbricam relações de poder, que transformam as diferenças em desigualdades, onde os que detêm o poder se sobrepõem, e se veem superiores aos outros.

A diferença deve ser respeitada e o acesso aos direitos devem ser iguais e justos para todos os povos, por isso é importante ressaltar que as discussões em torno da “Democracia racial” no Brasil são grandes, principalmente em relação aos indígenas e negros. Esse termo teve grande repercussão por conta do livro do sociólogo Gilberto Freyre “Casa-Grande e Senzala”. Este livro ganhou grande prestígio fora do Brasil, mas como não condizia com a realidade do país, muitos autores e pesquisadores se opuseram a esta ideologia, surgindo daí o questionamento da “Democracia Racial”. Esta se intitula assim, por conta da ilusão de se acreditar que vivemos uma democracia racial, onde todos os povos têm por igual acesso aos seus direitos dentro da sociedade. Como afirma Florestan Fernandes apud Maio:

Não existe democracia racial efetiva [no Brasil], onde o intercâmbio entre indivíduos pertencentes a ‘raças’ distintas começa e termina no plano da tolerância convencionalizada. Esta pode satisfazer às exigências de ‘bom tom’, de um discutível ‘espírito cristão’ e da necessidade prática de ‘manter cada um em seu lugar’. Contudo, ela

não aproxima realmente os homens senão na base da mera coexistência no mesmo espaço social e, onde isso chega a acontecer, da convivência restritiva, regulada por um código que consagra a desigualdade, disfarçando-a acima dos princípios da ordem social democrática (FERNANDES, 1960, p. 11, grifos do autor apud MAIO, 2000, p.122).

Trata-se de uma democracia racial artificial, onde a aceitação e o respeito pelo outro não é real, é raso e sem consistência. Há quem diga que a democracia racial exista dentro da sociedade e que negros e índios não sofrem preconceitos, desrespeitos e discriminações, deixando esta problemática de lado por acreditar nisto. Ou então, percebe a realidade, mas por não querer gastar tempo e dinheiro para resolver este problema, prefere fechar os olhos. Até porque esta falsa democracia racial favorece a quem está no “poder”, e fingir não ver que praticamente todo dia negros e índios são humilhados e desmerecidos por serem diferentes da cultura dos brancos, é melhor, sendo mais fácil ignorar a problemática do que enfrentá-la. Nilma Lino Gomes aponta:

Ninguém nega o fato de que todos nós gostaríamos que o Brasil fosse uma verdadeira democracia racial, ou seja, que fôssemos uma sociedade em que os diferentes grupos étnico-raciais vivessem em situação real de igualdade social, racial e de direitos. No entanto, os dados estatísticos sobre as desigualdades raciais na educação, no mercado de trabalho e na saúde e sobre as condições de vida da população negra, revelam que tal situação não existe de fato (GOMES, 2005, p. 56)

Sabemos que atualmente a democracia racial é um ponto ainda não alcançado, é um processo que está avançando de forma lenta, e que ainda falta muito trabalho para chegar nesta questão. É por um Brasil democraticamente racial que negros e índios lutam e manifestam-se atualmente, é atrás dessa conquista que muitos são feridos e mortos, por serem diferentes, e exigirem seus direitos. São os que lidam frequentemente com discriminações, racismo e intolerância que mais almejam esta democracia.

## **1.2 QUESTÃO INDÍGENA NA SALA DE AULA.**

### **1.2.1 DOCUMENTOS E LEGISLAÇÃO: TEMÁTICA INDÍGENA NA SALA DE AULA.**

Sendo a escola uma importante ferramenta para a construção de uma sociedade que respeite o diferente, é de suma importância que se discuta a questão indígena neste espaço. Como traz o PCN/Temas transversais- Pluralidade Cultural:

A escola é fundamental para o combate ao preconceito e à discriminação. Nela convivem crianças de origens sociais e culturais diversas, ensinam-se as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença (PCN, 1997, p. 21).

A contribuição do âmbito escolar é essencial para desconstruir ideologias preconceituosas, onde o diferente é marginalizado, a escola deve ter o intuito de apresentar ao aluno temas que são discutidos na sociedade, se inteirar dos assuntos, para ajudar este na busca por informações certas, como a questão indígena na sociedade atual.

A inclusão dos temas afro-brasileiro e indígena em sala de aula é uma conquista no âmbito educacional, pois estes foram inseridos no currículo escolar por meio de lei recentemente. Aprovada em 9 de janeiro de 2003, a Lei 10.639 torna obrigatório o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira nos sistemas de ensino. É o que apresenta o artigo 26-A desta lei: “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2003).

Esta lei marca um grande passo na luta contra o preconceito, a desigualdade e discriminação contra os negros no Brasil, onde inserindo a obrigação de tratar este tema em sala de aula é um meio de banir pensamentos racistas e discriminatórios nos espaços escolares e sucessivamente da sociedade. O negro em grande parcela sofre estas questões em nossa sociedade, mas não somente, outros povos sofrem também, como os povos indígenas.

Por isso, foi aprovada em 10 de março de 2008 a lei 11.645 que complementa a lei 10.639/03, incluindo a temática indígena e tornando indispensável o ensino da

*história e da cultura afro-brasileira e indígena* nas instituições de ensino públicas e privadas. Como traz os parágrafos 1 e 2 do Art. 26-A da lei 11.645/08:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (BRASIL, 2008).

Esta lei é uma grande conquista para os povos indígenas, pois é o resultado de muitas lutas e manifestações em busca do seu espaço na sociedade. A lei 11.645/08 implica na valorização da história do índio e do negro no Brasil assim como questões atuais como suas lutas por direitos e inclusão nas áreas sociais, econômicas e políticas. Como a questão das terras indígenas e quilombolas, reivindicação de índios e negros que lutam pelo direito às terras que ocupam tradicionalmente<sup>1</sup>.

Observamos frequentemente em todas as mídias protestos desses povos, contra os interesses individualistas, que privilegiam uma minoria, com base geralmente em objetivos econômicos, querendo se utilizar dessas terras nas atividades de mineração, hidroelétricas, entre outros, não se atentando aos que serão prejudicados com estes atos.

Aprovar essas leis foi de suma importância para contribuir nas lutas destes povos, podendo colocar no espaço escolar grandes reflexões e discussões acerca destes temas. Mas é bem nítido que a obrigação destas leis não implica necessariamente na sua efetivação, o que ocorre com outras leis de dentro e fora do âmbito escolar, visto que é preciso a observância de que estão cumprindo-as, o que

---

<sup>1</sup> O Decreto 6.040 de 07/02/2007 apresenta “**Art. 3º I. Povos e Comunidades Tradicionais:** grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição; II. **Territórios Tradicionais:** os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas.”

muitas vezes não ocorre, além do que, há diversos fatores que podem prejudicar esse processo, como a formação do professor, material didático apresentado, uma escola fechada à reflexão, entre outros.

Mas ao aprovar estas leis para trabalhar a questão dos índios e negros dentro da sala de aula, mostra que uma educação de qualidade pode transformar a sociedade, pois os alunos são o nosso futuro, e essa desconstrução servirá para construir uma sociedade que preze a igualdade social e respeite as diferenças.

Nesta discussão é importante apresentar, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz a temática indígena para o Ensino Fundamental I, a qual apresenta infelizmente um retrocesso das lutas engajadas por estes povos e apoiadores da causa.

A valorização da história, da cultura, da sua contribuição para a história do Brasil é ofuscada durante esta etapa. As disciplinas que tratam sobre a temática indígena são Educação Física, Geografia, Ensino Religioso e História.

O que se apresenta sobre o indígena em si são brincadeiras, jogos e lutas de matriz indígena na área da Educação Física, em Geografia trata-se do território e diversidade cultural, como a indígena e sua contribuição na formação local, assim como demarcação de terras indígenas e quilombolas. No Ensino Religioso traz como objetos de conhecimentos da ancestralidade e tradição oral, apresentando elementos da tradição oral nas culturas e religiosidades indígenas, entre outras, mas isto somente no 5º ano, enquanto nos anos anteriores a questão indígena é esquecida.

Em História, no 3º ano se propõe identificar os diferentes grupos étnicos presentes na localidade, dando destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes. O 4º ano traz como objeto de conhecimento “*os processos migratórios para a formação do Brasil: os grupos indígenas, a presença portuguesa e a diáspora forçada dos africanos*” (BNCC, p. 410, 2017).

No 5º ano, apresenta-se as tradições orais e a valorização da memória, propondo “Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos” (BNCC, p. 413, 2017).

Do 1º ao 5º ano o que se apresenta sobre este tema é algo raso sobre a história, cultura e lutas indígenas, não efetivando o que a lei 11.645/08 impõe que esta se apresente em todo currículo escolar durante o ensino básico. As lutas,

manifestações e conquistas são esquecidas durante o Ensino Fundamental e os Anos Iniciais.

As leis e documentos aqui apresentados, deixam claro a obrigatoriedade de trabalhar a temática indígena em sala de aula, ao qual a escola e professores devem oportunizar aos alunos tomarem conhecimentos das lutas que ocorreram e ocorrem até hoje, para ter seu espaço e direito na nossa sociedade, assim como as contribuições para a construção do povo brasileiro.

### **1.2.2 A ESCOLA E A QUESTÃO INDÍGENA**

Como já visto, tratar a questão indígena nas escolas é obrigatório por lei, cabendo às instituições de ensino promover a oportunidade de abordar o tema em sala de aula. Por isso Paiva expõe que:

[...] As instituições de ensino não devem se apartar das discussões acerca da diversidade étnica, cultural e de gênero, pois sua realidade e cotidiano têm a presença de discentes e docentes de diferentes pertencimentos e origens étnico-raciais, idades e posicionamentos afetivos-sexuais (PAIVA, 2012, p. 20).

É muito importante apresentar a diversidade étnica no ambiente escolar, destacando aqui a indígena. Sabemos que nossa sociedade é preconceituosa, desigual e injusta, sendo base disto o acesso a uma série de informações errôneas e pré-conceitos existentes na sociedade, onde indígenas são taxados como “selvagens” não-civilizados, e há quem se utiliza destas informações para propagar imagens distorcidas em vista de algum interesse econômico.

Todas essas questões podem fazer com que muitas pessoas não aceitem o indígena como seu igual, por isso discussões equivocadas e sem fundamentos fora do espaço escolar podem fazer com que o sujeito tome conclusões errôneas sobre a questão indígena, daí a importância de tratar o tema dentro de instituições escolares, onde há a possibilidade de desconstruir pensamentos preconceituosos e racistas sobre o indígena, sendo a escola um espaço de construção de conhecimentos.

Essas informações e conhecimentos podem evitar distorções, constrangimentos e rejeições quando a escola tem docentes e discentes indígenas,

onde ao trabalhar este tema, se apresenta a importância de sua história, cultura, valorização e participação na construção da sociedade atual, e não se sentindo deslocados ao tratarem somente de conteúdos que não se sintam parte.

Vale ressaltar brevemente, mesmo não sendo o foco central do trabalho, a educação escolar indígena, que foi uma conquista garantida pela Constituição de 1988, no parágrafo 2º do artigo 210, assegura que:

§ 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

A educação escolar indígena se dá a partir dos princípios de seu povo. É engajada no fortalecimento de sua cultura, sua história e seus direitos, evidenciando seus ideais e fortalecendo suas lutas.

A discussão sobre a questão indígena na sala de aula de escolas não indígenas é necessária e visa contribuir na construção de um sujeito que compreenda que a diversidade existe e deve ser respeitada. Com base nestas informações Paiva (2012) acrescenta:

[...] Infelizmente, em nossos espaços escolares ainda permanece a imagem de um indígena relegado ao passado, a uma ancestralidade, um índio amorfo, isolado culturalmente e relegado à permanência de seus “antigos costumes ancestrais” (PAIVA, 2012, p. 179).

Como afirma Paiva (2012), ainda é possível perceber nos âmbitos escolares, uma percepção do indígena do passado, e que a imagem deste no passado é posta como uma percepção atual, algo impregnado como seus “antigos costumes ancestrais”. A visão do índio do passado está impregnada na mente dos indivíduos da nossa sociedade e por isso é recorrente a visão de que o índio não pode compartilhar costumes de nossa sociedade, porque se isso ocorrer não se é mais índio. Essa problematização entre passado e presente, deve ser discutida em sala de aula, pois assim como nossa sociedade muda e se transforma, ocorre o mesmo com os povos indígenas.

Por isso é importante extinguir essa visão eurocêntrica do indígena, onde se acredita que a cultura europeia é melhor, e com isso cria estereótipos e conceitos

equivocados. Essa visão eurocêntrica do indígena é decorrente do processo de colonização, onde a Europa, seu modo de vida, seus costumes e religião eram considerados os corretos e que todos deveriam aderir, principalmente o indígena, pois como aponta Edgardo Lander (2005, p. 13) “[...] *As outras formas de ser, as outras formas de organização da sociedade, as outras formas de conhecimento, são transformadas não só em diferentes, mas em carentes, arcaicas, primitivas, tradicionais, pré-modernas.[...]*”, tudo que fosse diferente dos costumes europeus, era considerado primitivo e que precisavam ser civilizados.

Esse processo de civilização gerou muitos julgamentos precipitados e errôneos e a criação de estereótipos que são cultivados até hoje em nossa sociedade. O eurocentrismo almejava uma hegemonia entre os povos, e essa hegemonia se centrava em sua história e cultura, tornando-as como padrão para outras sociedades (LANDER, 2005).

A nova lei preconiza a necessidade de discutir esta questão em sala de aula, ajudando a construir novos conhecimentos e reelaborar conceitos impregnados socialmente. Maria de Fátima Barbosa da Silva ressalta que:

[...] O acréscimo da temática indígena não implica apenas o acréscimo de conteúdos, mas também novas abordagens, novas metodologias, novos objetos na História Ensinada. Em síntese, implica uma História que rompe com a tradicional visão eurocêntrica e propõe a desconstrução de estereótipos (SILVA, 2012, p. 151).

Essa ruptura é um importante passo para a compreensão e aceitação que os povos indígenas são diferentes e não “*antiquados*” ou que “*precisam evoluir*”, pois geralmente a visão que nos é mostrada sobre o indígena é pela percepção do outro, como o outro percebe o indígena na sociedade. E muitos desses conceitos são carregados de estereótipos criados pelos colonizadores. A concepção de índio está usualmente ligada à visão eurocêntrica, a qual se denomina superior. Assim Maria de Fátima Barbosa da Silva aponta:

A Lei 11.645/2008 é fruto de muitas disputas e representa um passo importante para as relações étnico-raciais, por vários motivos: traz não só a possibilidade de representação de grupos que, historicamente, foram ou marginalizados ou vítimas de estereótipos, mas também uma mudança na própria concepção da História,

tradicionalmente 'europeizante', com a qual nos acostumamos (SILVA, 2012, p. 153).

Essa concepção que a cultura, costumes e religião europeias são superiores ao dos outros povos dominou muitos conceitos criados para definir o indígena, e esses conceitos vem sendo culturalmente impregnados durante tempos, com isso fica difícil desconstruir esses equívocos. E com a lei, se percebe a possibilidade de ajudar nessa desestruturação, para reerguer novas ideias, conceitos, conhecimentos, desmembrados dessa visão eurocêntrica.

Trabalhar a questão indígena em sala de aula não é somente exercer a lei, vai além disso, é contribuir para a construção de cidadão críticos e ativos para a estruturação de uma sociedade igualitária, como afirma Freitas (2010, p. 159) *“[...] A inclusão da história das sociedades indígenas na escolarização básica dos brasileiros ultrapassa o cumprimento desse dever cidadão. Ela sinaliza um compromisso ético com a tolerância [...]”*. Por isso é relevante trabalhar a questão indígena no espaço escolar, deixando claro que este espaço possibilita a transformação na sociedade.

Como já apresentado, trabalhar a questão indígena em sala de aula é uma conquista recente, que necessita de diversos fatores para colocá-la em prática, primeiramente este tema deve ser tratado com bastante cautela pelo professor, pois este precisa compreendê-lo de forma profunda, devendo ser estudado e analisado antes de apresentar para seus alunos, para que não ocorra nenhum equívoco por parte deste.

A atitude do professor diante deste tema é de essencial importância para como o aluno irá perceber a questão indígena na atualidade e no passado. Paiva (2012) enfatiza que:

*[...] a prática docente deve incidir em uma história que aborde o cotidiano, enfocando as estratégias de resistência e inserção dos negros e índios nas sociedades coloniais e na sociedade nacional. Quando da solução e resposta para as principais inquietações e curiosidades dos educandos, o professor deve proporcionar na abordagem de seus conteúdos o estabelecimento de conexões entre a situação histórica do indígena na sociedade brasileira contemporânea e a sua realidade no passado histórico (PAIVA, 2012, p. 26).*

A prática do professor deve estar entrelaçada com os saberes atuais, se renovando e percebendo a mudança dos olhares para o indígena na sociedade, discutir a real posição do índio na sociedade, a realidade do que é ser indígena no momento atual. O professor não pode se abster quando surgir indagações dentro da sala de aula, podendo lançar discussões, que vão aos poucos extinguir pensamentos e falas ultrapassadas e preconceituosas que possam surgir, buscando apresentar informações corretas e atualizadas para o aluno.

Mesmo que a pessoa vá a fundo tentar compreender a questão indígena, sempre vai haver uma *“interferência”* e não uma visão completa sobre o tema, pois esta não faz parte do contexto em questão, ou seja, não faz parte do povo indígena, desse modo Gersem Baniwa entrevistado por Maria Aparecida Bergamaschi apresenta que:

[...] É só com bons materiais didáticos na mão das escolas dos não índios, de fato, que os alunos não indígenas poderão ter acesso a esse material, com maior qualidade e, aí esperar impactos e resultados mais positivos. Mas sem dúvida nenhuma é um instrumento extremamente importante que temos que abraçar com seriedade, porque é o caminho para diminuir a discriminação e o preconceito, oferecendo, principalmente à nova geração de cidadãos das escolas, jovens e crianças, informações qualificadas sobre os povos indígenas de forma correta. É também a forma mais prática de desmistificar e desconstruir alguns estereótipos que foram criados, inclusive na escola, por meio de livros didáticos pensados do ponto de vista dos colonizadores e dominadores [...] (BERGAMASCHI, 2012, p. 143).

Materiais didáticos construídos pelos próprios indígenas é um caminho para a compreensão dos povos indígenas, por isso por mais que o professor se atente a conhecer o tema a fundo, é importante levar um indígena para discutir com os alunos, onde este pode apresentar sua cultura, sua história e suas lutas, e se isso não for possível, trazer relatos indígenas, sejam eles por vídeos, gravações ou textos, a voz do índio é de suma importância nessa discussão. Gersem Baniwa apresenta também que *“são os índios que devem definir o que querem e como querem ser conhecidos pela sociedade nacional.[...]”* (BERGAMASCHI, 2012, p. 142). Por isso é importante apresentar a visão do indígena sobre sua própria história, pois este é o mais apropriado para falar sobre seu povo, expondo como quer ser visto pela sociedade, e não mais pela percepção e olhar do outro.

O professor pode se dizer que é o mediador entre os novos conhecimentos e o aluno, por isso é essencial que este se prepare e esteja atualizado para apresentar a história, a cultura, a diversidade e a valorização do indígena, podendo este segundo Freitas (2010) auxiliar:

[...] o aluno na construção de conceitos de identidade, alteridade, cultura, tolerância, diversidade; problematizando situações cotidianas e organizando estratégias de aprendizagem compatíveis com a idade da criança e a complexidade dos conteúdos; promovendo a mudança de atitudes antiéticas, tais como o estigma, preconceito, estereótipo, discriminação e racismo (FREITAS, 2010, p. 169).

O docente deve apresentar ao aluno a diversidade étnica existente na sociedade e que por isso somos diferentes uns dos outros, tentando ao máximo extinguir atitudes intolerantes, ajudando ao aluno na construção de seus conceitos. O outro ponto importante é que o professor perceba e apresente para seus alunos o indígena no tempo e suas lutas, o indígena hoje, e não ficar estagnado na imagem do índio no passado.

O apoio aos professores nessa desconstrução de conceitos impregnados pela sociedade é imprescindível por isso Nascimento (2013) aponta:

[...] Em relação ao ensino de história e cultura indígena se faz necessário um apoio aos professores para elaboração de planos, projetos e seleção de conteúdos com foco nas relações étnico-raciais. Também mapear e divulgar experiências pedagógicas, verificar as principais dúvidas e dificuldades dos professores em relação ao trabalho com a questão étnica (NASCIMENTO, 2013, p. 155)

Esse apoio é justamente para que os professores se sintam preparados para abordar este tema em sala de aula e, nesse sentido, dá-se a necessidade da criação de projetos e discussões, que mudem a visão quanto às questões étnicas. Isso pode ser um ponto fundamental para chegarmos à uma apresentação de um conteúdo atualizado e adequado. Esta é uma questão dialética pois insere-se numa mudança conjunta, sociedade, escola e professor.

O professor precisa querer transformar seus conceitos e superar seus “*pré-conceitos*” e deve estar aberto aos novos conhecimentos ao apresentar o indígena do tempo presente.

O aluno na sociedade em que vivemos já ouviu falar algo sobre a questão indígena, seja estas informações equivocadas ou não, o que cabe aqui é que estes estão cheios de curiosidades e constroem seus conceitos a partir do que observam e do que presenciam, por isso é importante tratar a questão indígena em sala de aula, pois o aluno está em processo de formação de identidade e conceitos.

Sobre esta questão Nascimento (2013) aponta:

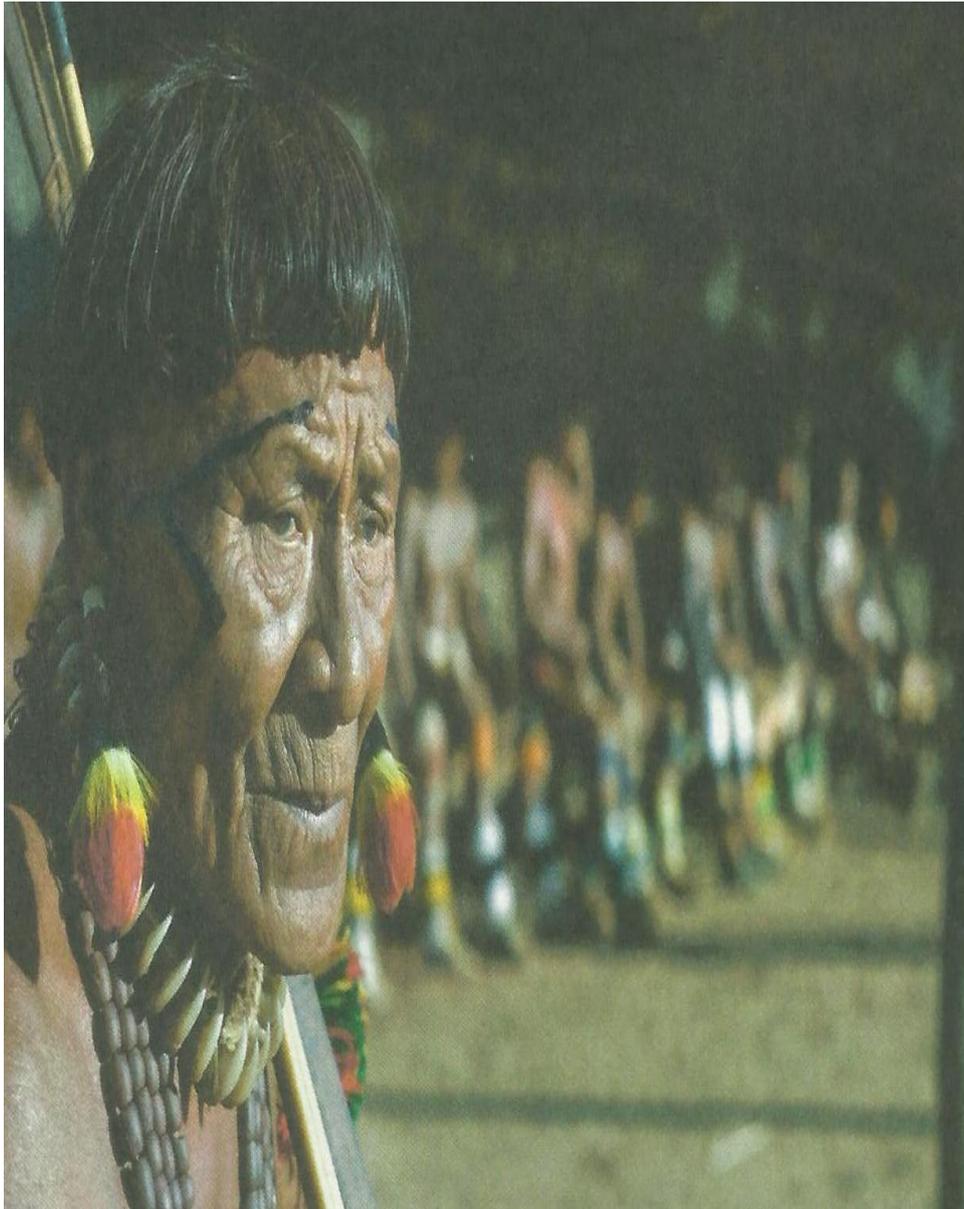
[...] repensar com os alunos aquilo que foi incorporado pelo senso comum, compreendendo a diversidade cultural do mundo contemporâneo. Não são mais aceitáveis no ensino os materiais que divulgam que os índios não têm futuro e que estão acabando, física e culturalmente. As discussões atuais, na maioria dos países, centram-se na mudança cultural, identidade, pluralidade e diversidade. Essas ideias são o início das considerações sobre o lugar dos índios na sociedade brasileira e na história do país (NASCIMENTO, 2013, p. 162).

Quando o aluno adentra a sala de aula, vem com ideias prévias, e conceitos formados sobre a questão indígena, sendo que este é o futuro da sociedade com isso tentar retirar ideias e informações errôneas em relação ao indígena contribui na construção de uma sociedade justa, igualitária e tolerante. Nascimento (2013) acrescenta:

[...] o currículo considera a experiência do aluno na situação de escolarização e todo o tipo de aprendizagens que o aluno obtém por estar sendo escolarizado. E, como uma das principais finalidades da intervenção curricular é preparar os educandos para serem cidadãos ativos, críticos, membros solidários e democráticos da sociedade, a escola tem que propiciar a compreensão de uma visão mais geral dos grupos que fazem parte do mundo em que vivem. Por isso, a seleção dos conteúdos do currículo, as experiências de ensino e aprendizagem que caracterizam a vida nas salas de aula e as avaliações devem promover a construção dos conhecimentos, atitudes, normas e valores necessários para atingir tais objetivos (NASCIMENTO, 2013, p. 159).

É importante perceber o que o aluno traz de fora do âmbito escolar, pois é a partir destas experiências prévias que o professor irá, juntamente com o aluno, formar novas opiniões e ideias. O aluno em fase escolar está em desenvolvimento, e isto vem favorecer na construção de atitudes que contribuam para o desenvolvimento da sociedade, tornando-os cidadãos críticos.

## CAPÍTULO II



**Figura 2:** Imagem do livro de História do 3º ano do Ensino Fundamental I, coleção Brasileira

## 2.1 CAMINHOS DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentaremos o trajeto metodológico de como o trabalho se desenvolveu, trazendo a natureza da pesquisa, método de abordagem e de procedimento, instrumentos e técnicas utilizados para a realização da pesquisa, afim de encontrarmos os resultados para as análises e discussões.

A apresentação dos povos indígenas no livro didático é um assunto que levanta muitas questões e discussões. Por isso buscamos em 5 escolas, livros didáticos adotados pelas mesmas e aplicamos questionários com 5 professoras.

Fizemos uma relação da análise da questão indígena no livro didático, os questionários aplicados e a observação direta em como uma professora trata esta questão na sala de aula. Neste sentido, esta pesquisa é de natureza qualitativa, pois de acordo com Chizzotti (2010):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real, o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZZOTTI, 2010, p. 79).

Para melhor considerar os resultados da pesquisa, ao qual não são quantificáveis, é qualitativa por levar em conta a subjetividade, outros elementos que não podem ser quantificados, por conta das análises no livro didático e questionário. Dentro da pesquisa qualitativa se permite a análise dos objetos pesquisados como traz Strauss (2008):

[...] análise de uma palavra, uma frase ou um parágrafo. Essa técnica é especialmente valiosa porque permite ao analista levantar questões sobre possíveis significados, sejam eles assumidos ou pretendidos (STRAUSS, 2008, p. 95).

Na pesquisa qualitativa damos ênfase a *análise de conteúdo* dos livros didáticos, que segundo Severino (2007):

É uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos. Um conjunto de técnicas de análise das comunicações (SEVERINO, 2007, p. 121)

Fazemos uma análise da documentação estudada, ou seja, do livro didático, trazendo discussões com o que foi apreendido através dos textos e da legislação pertinente, avaliando os resultados encontrados. O interesse em analisar como a questão indígena é apresentada no livro didático, surgiu a partir de discussões realizadas em sala de aula na disciplina Metodologia do Ensino/Aprendizagem da História, onde foi debatido como a cultura ocidental influencia na visão da história do indígena na sociedade e em várias outras questões, destacando-se nos livros didáticos em muitos conteúdos encontrados, que partilham de uma visão eurocêntrica.

A análise dialética possibilitou interpretar os dados coletados durante a pesquisa. Nesta se faz numa relação dialética entre o momento histórico e a análise dos resultados. É importante perceber como a questão indígena é vista na sociedade, pois é nos grupos que o sujeito está inserido e em suas vivências que se constrói seus conhecimentos e conceitos, mas o que ele pensa, sua interpretação e sua vivência podem transformar a história. Essa é uma relação dialética, onde ao mesmo tempo que a realidade institui nosso pensamento, este por sua vez, ajuda a formar a realidade e transformar a história. Por isso avaliou-se a documentação confrontando com a realidade, pois segundo Lakatos e Marconi (2010):

[...] para a dialética, as coisas não existem isoladas, destacadas uma das outras e independentes, mas como um todo unido, coerente. Tanto a natureza quanto a sociedade são compostas de objetos e fenômenos organicamente ligados entre si, dependendo um dos outros e, ao mesmo tempo, condicionando-se reciprocamente. (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 83):

É preciso o estudo do que está ocorrendo na sociedade para compreender o fenômeno pesquisado. O materialismo histórico dialético foi determinado como método de abordagem porque foi feita a pesquisa com a história dos povos indígenas, sua lutas, manifestações e cultura, e isto é preciso para entender o que a sociedade pensa sobre essa temática, para assim compreender o livro didático, e analisar os questionários.

Utilizamos como método de procedimento a pesquisa de campo, pois segundo Fonseca (2008, p. 70) *“A pesquisa de campo baseia-se na observação dos fatos tal como ocorrem na realidade. O pesquisador efetua a coleta de dados diretamente no local da ocorrência dos fenômenos [...]”*

Uma vez que fomos *in loco* para coletar os livros didáticos para analisá-los e observamos uma professora em sala de aula para assim podermos perceber como esta trabalha a temática.

A primeira parte da pesquisa consistiu em fazer uma *análise histórica* do tema, trazendo uma discussão sobre o indígena no passado e no presente, levantando questões que estão em discussão dentro da sociedade. Assim como traz uma análise da legislação que envolve o tema, trazendo uma discussão sobre as mudanças que estas acarretaram e o que permanece.

Fazemos, também, uma relação entre o livro didático e a realidade pesquisada, buscando pontos que se ligam entre os objetos da pesquisa. O livro didático pode vir a ser o único livro que o aluno tenha contato e que por isso o que se apresenta pode ser a base para sua representação e novos conhecimentos, especificamente aqui sobre os povos indígenas. Por isso é importante analisar o que se apresenta no livro didático sobre a questão indígena.

Assim como também os conteúdos expostos neles, pois refletem o que o governo entende por questão indígena, visto que o livro didático das escolas é aprovado no Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)<sup>2</sup>, ou seja, fazer essa análise sobre como é abordado a questão indígena no livro didático de história, é ao mesmo tempo analisar o currículo, é analisar o que a sociedade (governos, classes dominantes, pautas de movimentos sociais) quer que os alunos aprendam na escola, quais e como os conteúdos, informações e conhecimentos sobre os povos indígenas são apresentados em sala de aula.

É importante discutir este tema, pois vivemos no estado do Amazonas e especificamente no interior (Parintins), onde se encontram pessoas de diversas etnias indígenas, assim como seus descendentes, que estão presentes no nosso dia-a-dia, nas salas de aula, são nossos alunos, professores, nossos colegas de faculdade, de trabalho, nossos vizinhos, que marcam a cidade com suas culturas e lutas, assim como também seus costumes que são adotados pela população parintinense não-indígena. Ao qual é preciso também reconhecer que no cotidiano da cidade de Parintins não se fala apenas o português, mas também a língua nativa

---

<sup>2</sup> O PNLD foi criado em 1985 pelo governo federal com o propósito de distribuir gratuitamente livros didáticos para os alunos das escolas públicas de ensino fundamental de todo o país. Este é de responsabilidade do Ministério da Educação (MEC) e administrado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O Programa foi aprimorado em 1995, adotando um novo elemento: o Guia de Livros Didáticos que veio para analisar e avaliar previamente os conteúdos pedagógicos dos livros didáticos. Fonte: [www.educabrasil.com.br](http://www.educabrasil.com.br)

da etnia Saterê-Mawé e Hixkaryana, assim como coexistem o saber médico científico dos postos de saúde e hospitais e uma rede de benzedeadas, parteiras, puxadores de ossos, enfim de saberes da medicina popular, que se articulam religiosidades de diferentes matrizes européia, indígenas e africanas.

Na cultura parintinense é nítido os costumes que têm matrizes indígenas, estas diferentes culturas que se instituem na cidade originam-se de saberes tradicionais vividos pelos povos indígenas na floresta, é preciso, portanto, evidenciar as muitas memórias e histórias desta cidade para combater pensamentos preconceituosos e predefinidos, pelo o que é apresentado na mídia, no dia a dia, e também no livro didático na escola.

Essa pesquisa é importante para destacar que muitos conceitos estão interligados com uma visão do indígena do passado, e por isso deve se atentar para a elaboração do livro didático, que deve trazer ideias que reforcem a alteridade entre os povos. O preconceito e a discriminação fazem parte da nossa realidade, e elaborar um livro didático que não se iguale a isto é importante para desconstrução destas problemáticas. Construir um livro que apresente conceitos e conhecimentos que incentivem tolerância, e principalmente respeite os povos indígenas, pode contribuir para mudar essa visão errônea do indígena, que vem sendo reforçada historicamente.

Esta pesquisa foi desenvolvida em 5 escolas de Ensino Fundamental, com 5 professoras de 3º ano. A pesquisa se iniciou no período do Estágio II no Ensino Fundamental I, onde a escola não adotava livro didático, mas a professora utilizava um livro antigo relativo às datas comemorativas. Após isto, partiu-se na busca em mais quatro escolas pelo livro didático de História de 3º ano do Ensino Fundamental I, ao final conseguindo apenas três livros didáticos e um de apoio, visto que duas escolas pesquisadas não utilizavam livro didático de História.

Adotando como técnica de coleta de dados a observação não participante, que segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 193) *“Na observação não-participante, o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora”*. Observação feita em uma sala de aula de 3º ano do ensino fundamental durante o período do estágio.

Contudo ,pode-se dizer que a observação não participante é de grande importância para uma compreensão maior da pesquisa, e com isso podendo identificar como a professora trabalha a questão indígena em sala de aula.

Na tentativa de compreender melhor a problemática da pesquisa e a realidade pesquisada, aplicou-se questionário semi-aberto com as professoras, ao qual foi um dos instrumentos da pesquisa. Sendo que questionário contribuiu para uma análise mais aprofundada do tema. Falando sobre os questionários, Severino (2007):

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo (SEVERINO, 2007, p.125).

Outra técnica de pesquisa utilizada foi a observação direta na escola onde foi realizado o estágio, Lakatos e Marconi (2010) afirmam:

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar (LAKATOS; MARCONI, 2010, p.113).

Esta técnica foi de grande importância para analisar como a professora, da sala de aula realizou-se o Estágio Supervisionado, tratava a questão indígena em sala de aula, principalmente na semana em que se tinha a data comemorativa “*O dia do índio*”. Esta que será discutida e analisada na pesquisa.

Durante o período de estágio houve a observação numa sala de aula de 3º ano do ensino fundamental I, observação esta feita no período de 04/04/18 á 04/05/18 abarcando justamente o mês de abril em que tem a data comemorativa “o dia do índio”, durante a estada na referida sala, somente foi discutido sobre o tema indígena na semana em que ocorrera a tal data, onde a professora leu ao inicio das aulas contos indígenas como a lenda do açaí, pirarucu, Iara, Uirapuru, Guaraná, cada um para um dia da semana. No dia 19 de abril que tem a data comemorativa, houve uma pequena discussão em sala de aula sobre os indígenas, sua cultura, lutas e manifestações.

O que foi bem relevante, pois foi apresentado sobre a questão das lutas por seus direitos, e atualmente é um assunto que deve ser discutido em sala de aula para que estejam cientes do que estes povos enfrentam.

Em relação à cultura foi explanado sobre a sua alimentação, mas o que chamou a atenção foi que a professora falou dos alimentos que consumimos que são de origens indígenas, e que por isso devemos valorizar e respeitar estes povos. Atentando que a cultura parintinense tem traços e costumes indígenas.

Assim como também se percebeu o interesse dos alunos pelo tema quando fazia questionamentos e ficavam atentos aos contos e a explicação sobre a temática.

Foram discussões importantes sim, mas ficou claro que a professora somente aborda esse assunto neste período, o que não é bom pois não há uma discussão mais aprofundada sobre o tema, mas apenas 15 minutos do assunto de forma rápida e rasa.

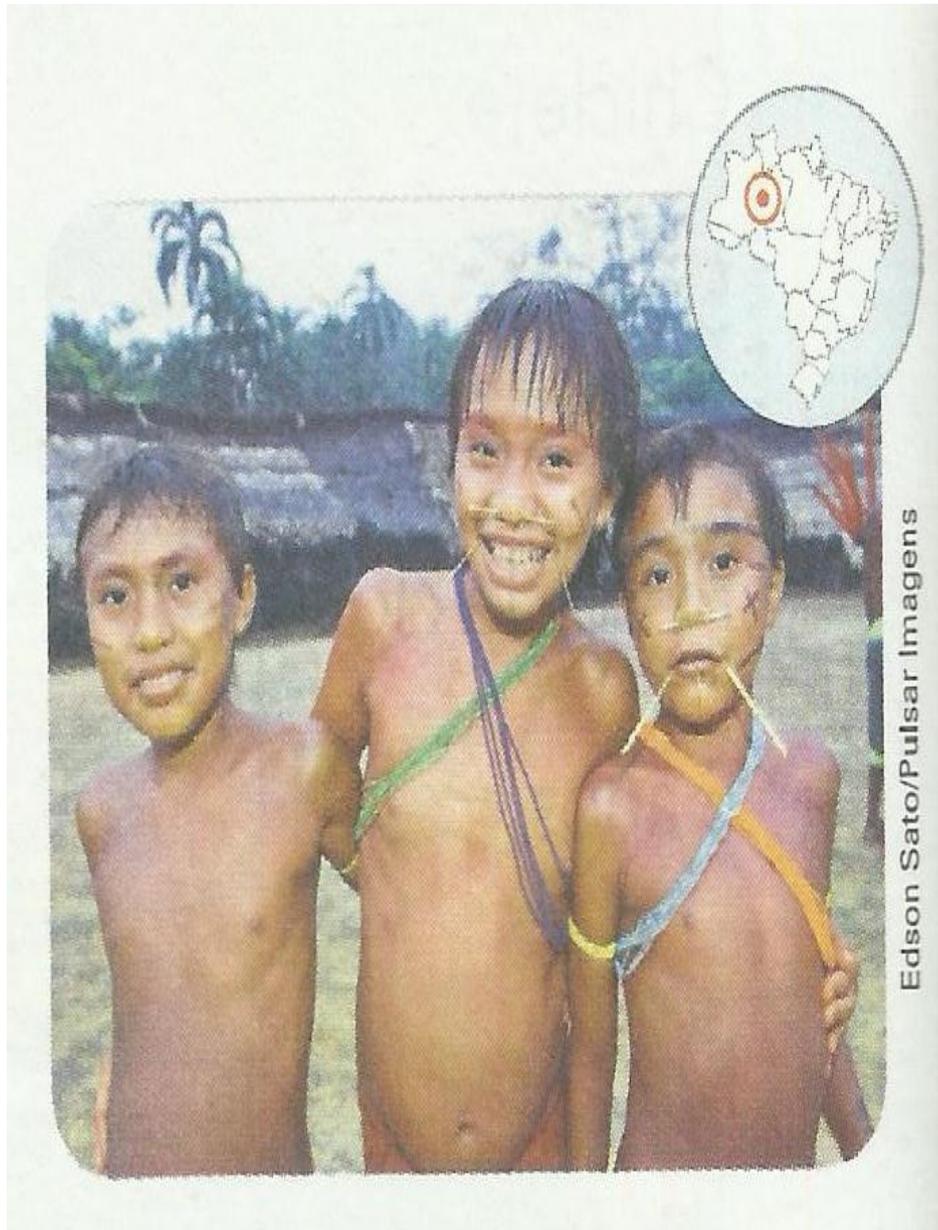
Este período foi de suma importância para entender melhor a questão indígena na sala de aula, contribuindo para novos olhares e perspectivas sobre o tema e para assim ter uma melhor análise dos dados coletados.

Durante o processo de pesquisa houve algumas dificuldades, entre estas a demora da devolução dos questionários. Lakatos e Marconi (2010) apontam que apenas 25% dos questionários são devolvidos, mas mesmo com alguns imprevistos e obstáculos conseguiu-se obter 100% da devolução dos questionários.

Outro empecilho, foi que duas professoras ficaram retraídas com a pesquisa e, na aplicação do questionário não ficaram confortáveis em responder, mas com diálogo, e explicando bem a relevância da pesquisa e que seus nomes não iriam aparecer na mesma, acabaram aceitando, mas em compensação o restante das professoras ficaram bem à vontade em discutir o tema e responder o questionário.

Os métodos e instrumentos utilizados durante o processo de pesquisa contribuíram muito para coleta de dados consistentes, para assim fazer uma análise que busque fornecer discussões em torno da problemática pesquisada.

## CAPÍTULO III



**Figura 3:** imagem do livro de História do 3º ano do Ensino Fundamental I, coleção Ápis: descobrir o mundo.

### 3.1 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Neste capítulo iremos analisar tanto os livros didáticos quanto os questionários que foram feitos em 5 escolas do município de Parintins, as quais são o Centro Educativo “Nossa Senhora das Graças”, Escola Municipal “Claudemir Carvalho”, Escola Municipal “Charles Garcia”, Escola Estadual “Padre Jorge Frezzini” e Escola Municipal da Paz de Parintins. Este capítulo será dividido em dois tópicos, na primeira parte iremos analisar os livros didáticos e na segunda parte os questionários feitos com as 5 professoras.

#### 3.1.1 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

##### 3.1.1.1 LIVRO DIDÁTICO DO CENTRO EDUCATIVO “NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS”

Vamos começar analisando o primeiro livro, este era adotado pela professora do Centro Educacional “Nossa Senhora das Graças”, visto que no centro não se tinha o livro didático de História, e por isso a necessidade da professora de buscar outro recurso. O livro servia de apoio para trabalhar a questão indígena em sala de aula, este é centrado em datas comemorativas. O livro é antigo, e não é aprovado pelo PNLD. O livro intitulado “O dia-a-dia do Professor”, Volume 7, tem como autoras Gersa Rodrigues Pinto e Regina Célia Villaça Lima, e está em sua 3ª edição, não foi possível identificar o ano do livro, mas tem como editora a FAPI LTDA. As análises serão feitas das imagens, um poema, e dois contos que encontramos no livro. O primeiro a ser analisado será o poema denominado “Índios”, de M.L. Pinheiro, ao qual apresenta-se a seguir:

**Figura 4:** Livro “O dia-a-dia do Professor”



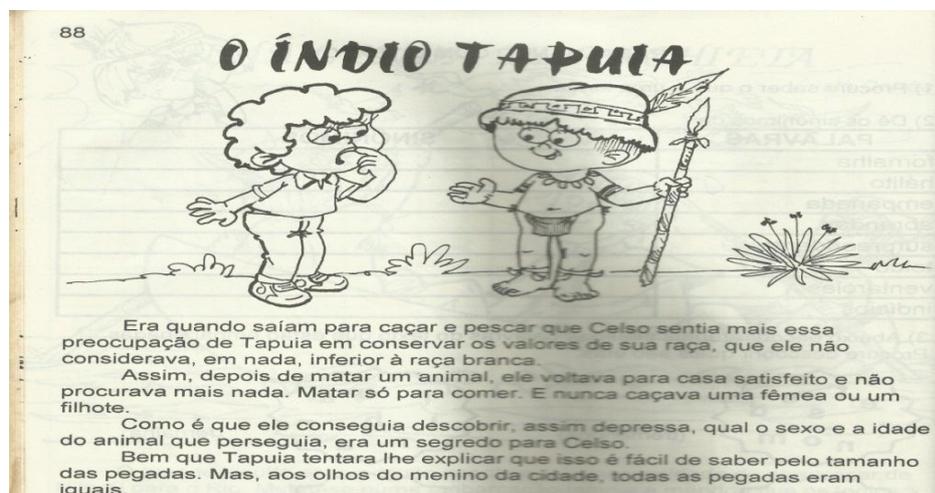
Fonte: editora FAPI LTDA

O principal ponto a ser analisado no poema é o tempo do verbo que é adotado. O tempo passado (pretérito imperfeito), trazendo verbos como “tinham”, “Andavam”, “Enfrentavam”, “Viviam”, “usavam”, “caçavam”, “pescavam” e “dançavam”. Estes termos fazem pensar que o indígena não exista mais, e que é algo do passado. Ao ler este poema fica claro a interpretação das autoras e nos faz pensar que o aluno ao ler este, poderá adotar a mesma interpretação, reforçando uma representação do indígena ligada ao passado.

Outro ponto que se destaca é quando o poema trás a frase “Enfrentavam mil perigos”, como se atualmente o indígena não tivesse problemas e desafios a ser enfrentados, como se as manifestações pela efetivação de seus direitos e as lutas por suas terras que se fazem presentes no seu dia a dia não trouxessem perigos<sup>3</sup>.

O segundo ponto a ser analisado no livro, é o conto “O índio tapuia”, que foi dividido para melhor leitura. A primeira parte do conto a seguir:

**Figura 5:** Livro “O dia-a-dia do Professor”



**Fonte:** editora FAPI LTDA

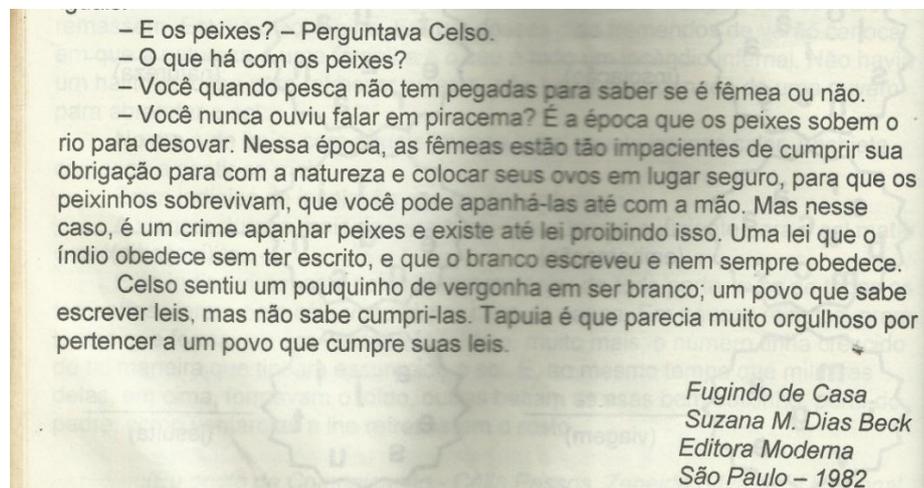
A primeira questão a ser observada nesta primeira parte do conto é o título, pois tapuia não era um povo, mas um termo que assumiu diversos sentidos ao longo da história do Brasil referindo-se desde um índio arredio ao processo de colonização

<sup>3</sup> Para se ter uma ideia, segundo a plataforma CACI (Cartografia de Ataques Contra Indígenas), que mapeia os assassinatos de indígenas ocorridos no país, nas últimas três décadas foram registradas 1.071 mortes violentas de indígenas no Brasil, mas acredita-se que o número é maior, pois muitos casos não chegam a ser registrados. Fonte: [www.cimi.org.br](http://www.cimi.org.br)

a um descendente de branco com indígena<sup>4</sup>. O segundo ponto a ser estudado é o uso do termo *raça*, que atualmente sabemos, que não é correto ser utilizado, por *raça* se referir à uma questão biológica, que só existe uma *raça* humana, e que o termo correto é *etnia* ou *povos*, onde se incorpora questões da cultura dos agrupamentos humanos.

É importante também analisar a imagem que acompanha o texto, que trás uma diferenciação entre as sociedades apresentadas não apenas na questão das vestimentas, mas também dos saberes. Percebemos que está havendo um diálogo entre os garotos. A seguir a parte final do texto:

**Figura 6:** Livro “O dia-a-dia do Professor”



**Fonte:** editora FAPI LTDA

O texto insere lógicas diferentes de sociabilidade, apresentando que o índio é diferente do branco, ou seja, na sua relação com a natureza, em que o indígena necessita desta, portanto cuida, não atacando fêmeas enquanto grávidas. Apresenta também que os costumes indígenas não precisam estar escritos para serem respeitados, pois o que vale é a palavra, como são povos de tradição oral, prezam o que falam e tem que ser feito, fazendo uma comparação entre as leis indígenas e brancas, onde muitas vezes as leis do branco, estão escritas no papel e mesmo assim não são cumpridas. Este conto traz uma grande contribuição para tolerância e aceitação das diferenças entre os povos, particularmente entre o indígena.

<sup>4</sup> Os Tapuia eram vistos como inimigos e selvagens, esse estereótipo foi denominado para as etnias que não falavam Tupi, e tinham costumes e culturas diferentes destes, este termo foi confrontado, mas alguns grupos indígenas ainda são nomeados com este termo. Fonte: <https://brasil.antropos.org.uk>

Em relação às imagens encontradas no livro, estas se apresentam muito estereotipadas, ao qual vem reforçando esta imagem do indígena padronizada por uma visão ultrapassada e preconceituosa. Apresentando sempre o indígena com arco e flecha ou algum instrumento de caça quando estão conversando ou sendo representados nos contos e até mesmo trazendo uma imagem meio intimidadora para os indígenas, por conta dos objetos de caça na mão, ou seja, passando a ideia de que os indígenas são “*rústicos*” e “*selvagens*”. Essa forma de representação do indígena que o livro apresenta, pode construir ideias que o índio tem que estar com arco, flecha e cocar, para ser reconhecido como indígena, por isso até há um espanto quando nos deparamos com o índio que mora na cidade, que está presente no nosso cotidiano, nas universidades, formando-se advogados para defender suas terras, enfermeiros ou professores. As imagens estereotipadas presentes no livro podem influenciar nossa representação sobre o indígena.

Com todos os pontos do livro relevantes para análise, pode se dizer que o livro não ajuda de uma forma adequada a trabalhar a temática em sala de aula, pois os textos apresentam conceitos errôneos e estereotipados, por isso trabalhar utilizando este livro, pode trazer uma visão errada da história do indígena. O livro não apresenta o tema na atualidade. Ressaltando que este não é um livro didático e que por isso não passou pelo crivo do PNLD.

### **3.1.1.2 LIVRO DIDÁTICO DA ESCOLA MUNICIPAL “CLAUDEMIR CARVALHO”**

O segundo livro a ser analisado é o livro didático de 3º ano do Ensino Fundamental I adotado pela Escola Municipal “Claudemir Carvalho”, tem como autores Denise Mendes, Margarete Artacho, Mônica Jackievicius e Roberto Giansanti, da coleção Porta Aberta, este livro é integrado e contém conteúdos de Ciências Humanas e da Natureza, tem como editora a FTD, está em sua 1ª edição, do ano de 2014, e é do triênio 2016, 2017 e 2018, assim como os seguintes. O livro mescla conteúdos de Ciências, Geografia e História em uma só obra. Este é dividido em 4 unidades: Identidade Cultural; Um Mundo Natural; Vivemos no Município e Alimentação e Saúde.

Nestas análises iremos apresentar as resenhas presentes no Guia do Livro Didático Digital do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) 2016,

este é responsável pela organização, avaliação e seleção destes materiais didáticos, no portal do MEC (Ministério da Educação ) apresenta-se que este é:

[...] destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público.

A resenha do Guia Digital apresenta que esta coleção integrada se mostra uma abordagem de quatro eixos temáticos, entre eles se destaca a Identidade, alteridade e diversidade.

Segundo o guia, o trabalho com a alteridade é apresentado no livro a partir da valorização da diferença, e que desse modo ao mesmo tempo valoriza a diversidade cultural entre diferentes grupos sociais. Em relação à questão indígena, o livro expõe que o respeito à alteridade aparece na coleção quando há a problematização de culturas plurais e múltiplas que compõem a sociedade brasileira, cita como exemplo as comunidades indígenas, que são valorizadas quando se traz as suas contribuições para a formação da identidade nacional. Consequente apresentaremos a análise do livro didático.

A primeira crítica ao livro, está em sua primeira parte, ao qual há um capítulo intitulado “Identidade Cultural”, onde apresenta tópicos sobre o tempo e sua medida e festas tradicionais brasileiras, apresentando diversas festas de algumas culturas como afro-brasileiras, carnaval, maracatu, festa juninas. Ao qual é interessante referir, que nesta unidade embora se proponha a discutir identidade cultural, não menciona em nada a cultura indígena. É preciso ressaltar que a questão afro está sendo apresentada, inclusive por imagens, apresentam-se personagens brancos e negros convivendo, entrevistas com professores negros, e traz a cultura branca de maneira hegemônica. Cita a contribuição da cultura japonesa, mas passa longe de discutir e apresentar a cultura indígena. Interpretando o que é visto, pode se pensar que a cultura indígena não faz parte do Brasil, ao não traze-la para a discussão. Nesta unidade não há imagens, personagens indígenas, entrevistas, que remetam ao indígena no livro didático analisado.

A primeira e única vez no livro didático que é abordado o tema indígena é na unidade 4 denominada Alimentação e Saúde, onde apresenta os alimentos de origem indígena. Há 3 páginas que vem tratar deste tema, os autores começam apresentando como os portugueses perceberam alimentação do indígena ao chegar ao Brasil, iniciando o texto e sua explicação claramente descrita pelo olhar do outro, no caso específico do europeu. Apresentam neste tópico a culinária indígena e seus modos de conseguir alimentos.

A resenha apresentada pelo guia , tratando-se sobre a temática indígena, não condiz com a realidade do livro, pois afirma que este tema é valorizado quando se apresenta as contribuições destes povos para a formação da identidade brasileira, mas não é isto que é percebido ao analisar o livro, pois quando no tópico identidade cultural, não manifesta o indígena como parte disto.

Percebemos que os autores preferiram se abster de discussões mais profundas relacionadas ao tema indígena, eliminando sua cultura como parte da identidade cultural brasileira, ao qual é sem nenhuma dúvida uma importante discussão em sala de aula.

### **3.1.1.3 LIVRO DIDÁTICO ESCOLA MUNICIPAL DA PAZ DE PARINTINS**

O terceiro livro analisado é o livro didático de História do 3º ano do Ensino Fundamental I adotado pela Escola Municipal da Paz de Parintins, da coleção Brasileira, tem como autores, Ana Maria Bergamin Neves e Flávia Maria Panetta Ricca Humberg, tem como editora a IBEP, está em sua 3ª edição e é do ano de 2014.

A resenha do livro que consta no Guia Digital, apresenta que as ilustrações e abordagem dos conteúdos permite ao aluno perceber a diversidade étnica e cultural do país.

Sobre os povos indígenas, a resenha apresenta que dão visibilidade a estes povos na leitura de textos, fazendo referência às festas, comunidades, jogos e brincadeiras indígenas e, também, quando indica portais aos professores sobre o tema. O livro possibilita ao aluno reconhecer estes povos em diversos momentos da história de forma positiva. Finalizando, destaca-se que o professor pode trabalhar com temas históricos relacionados aos indígenas e que haja destaque para o passado e presente.

No início do livro, nas páginas 19 e 20 encontramos um ponto importante para a análise, onde se apresentou um trecho do texto intitulado “Uma Família Munduruku” de Daniel Munduruku e Marie Therese Kowalczyk, trazendo o relato do próprio indígena, onde se apresenta a forma de vida, formas de moradia e cultura dessa etnia, trazendo essa questão que já foi discutida no trabalho, e reforçando que é importante trazer o olhar do índio sobre seu próprio povo, e não apresentando um olhar de terceiros sobre sua cultura, pois por mais que este esteja bem informado sobre o indígena, ainda assim haverá uma interferência em sua apresentação e interpretação da cultura do outro.

É importante evidenciar a voz ao índio e o livro traz uma história que é contada pelos próprios indígenas, ressaltando que se não puder levar o indígena para essa discussão em sala de aula é primordial trazer esses relatos feitos pelos próprios indígenas como o livro didático apresenta, assim se tornando uma ferramenta importante nesta discussão. Sendo este um diferencial, pois os livros anteriores não apresentavam o ponto de vista do indígena sobre sua própria cultura.

Outro ponto que se destacou é que o livro apresenta na página 24 o indígena como parte da história e da sociedade, quando mostra tipos de famílias e o indígena está incluso, não colocando foco ou destacando-os como se fossem algo separado ou avulso, porque às vezes por mais que tenha um capítulo sobre o indígena, sua cultura, transparece como se fosse algo à parte, separado do restante da sociedade e quando o livro traz uma família indígena no meio de outras famílias reforça que este faz parte da sociedade.

Na página 37 tem como título “Para manter as tradições”, que mostra a figura do indígena e destaca-se a oralidade como forma de transmissão de suas tradições, pode se pensar que relacionar o indígena à tradição traga um pensamento de que se está apresentando o índio no passado, porém é importante ressaltar que a tradição é dinâmica, se modifica e não está parada no tempo, ela vai sempre se resignificando através aceitação ou oposição das necessidades e experiências dos indígenas. Com isso quando se aponta a questão da tradição está bem dentro do contexto atual. É justamente através da atualização de suas tradições que os povos indígenas mantêm a coesão necessária para continuar lutando no presente por seus direitos. Neste capítulo, o livro outra vez evidencia a voz do índio trazendo seus relatos, como apresentado na imagem a seguir:

**Figura 7:** Livro de História do 3º ano do Ensino Fundamental I



**Fonte:** coleção Brasileira

Esse trecho apresenta novamente o indígena falando da sua cultura, apresentando sua visão sobre seu povo. Tendo autoria sobre como sua história é apresentada.

Nas páginas 84 e 85, se expõe um tópico que traz sobre festas indígenas, mas que não se mostra e explica como são as festas, apresentam-se apenas fotografias, dando ênfase nas festas do povo xavante, expondo algumas características desta festa e sobre o povo também. O que se destacou foi que se apresenta no livro festas diferentes dos povos indígenas, como se mostra a seguir:

**Figura 8:** Livro de História do 3º ano do Ensino Fundamental I,



**Fonte:** coleção Brasileira

Este aponta algumas características e diferenças em relação às outras etnias e povos, apresentando a questão da diversidade destes povos, a primeira imagem apresenta o XVI Jogos dos povos Indígenas, que segundo o site <http://www.esporte.gov.br> reúne 1,6 mil representantes indígenas de 48 etnias brasileiras, para disputa de diversos esportes, jogos e lutas corporais tradicionais, como a corrida de tora, o *jãmparti*<sup>5</sup> entre outros. A segunda imagem apresenta a cerimônia da Quebra da Castanha de Pequi, que segundo o site [www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br), é uma etapa da cerimônia de preparação do ritual Kuarup, esta realizada pelos indígenas do povo Yawalapíti, a tribo vive no Parque Nacional do Xingu.

A terceira imagem também é uma festa do povo Kuarup, mas da etnia Kuikuro. Tais imagens representam a diversidade que existe entre os povos indígenas, que cada etnia tem sua singularidade, e que por conta destas diferenças que se constitui as identidades de cada etnia indígena.

Em síntese, apresentou-se em quase todo livro o contexto de histórias indígenas, eles tentam naturalizar a cultura indígena e não tratam o índio como exótico, e sim como um povo diferente e que cada etnia tem seus costumes. Fazendo uma relação com resenha exposta no PNLD pode-se dizer que esta apresenta bem o que o livro traz, dando a visibilidade destes povos nos textos, fazendo referência às festas e jogos indígenas.

#### 3.1.1.4 LIVRO DIDÁTICO DA ESCOLA ESTADUAL “PADRE JORGE FREZZINI”

O quarto livro a ser analisado é o livro didático de 3º ano do Ensino Fundamental I adotado pela Escola Municipal “Padre Jorge Frezzini”, tem como autores Maria Elena Simielli, Rogério G. Nigro e Ana Maria Charlier, da coleção *Ápis: descobrir o mundo*, este livro é integrado e contém conteúdos de Ciências Humanas e da Natureza (História, Geografia e Ciências), tem como editora Ática, está em sua 1ª edição, do ano de 2014. Este é dividido em 4 unidades: Explorar Lugar; Conviver; Conviver com Mudanças e Entender a paisagem.

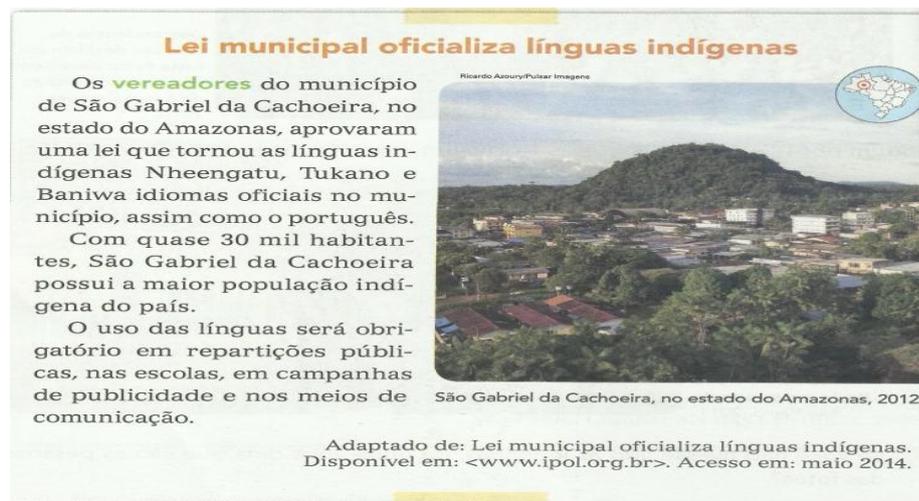
---

<sup>5</sup> **corrida de tora:** Apresentada pelos atletas (homens e mulheres) dos povos, Xavante, Krâho, Kanela e Gavião Kyikatêjê./ **jãmparti:** É uma corrida de tora praticada pelo Povo Gavião Parkatêjê e Kiykatêjê do sul do Pará, que obedece praticamente os mesmos rituais de outros povos, porém trata-se do uso de toras que o peso ultrapassa mais de 100 quilos, o diâmetro chega a medir mais de 1.60 m e pode ser carregada por dois atletas. Realizada sempre no período final das corridas de toras tradicionais. Dando o sentido de sincronismo, harmonia e força. Fonte: <http://portal.esporte.gov.br/sndel/jogosIndigenas/XJogos/modalidades>.

A resenha deste livro exposta no Guia Digital PNLD 2016, referente a temática indígena, apresenta que este aborda a pluralidade dos povos indígenas brasileiros, mostrando seus valores, tradições, organizações, saberes socio-científicos, direitos e participação. Apresentando ilustrações que retratam a diversidade, pluralidade social e cultural do país.

A análise inicia na página 76, onde apresenta-se uma importante discussão em relação a temática indígena, reconhecendo as línguas faladas em comunidades indígenas como língua e não dialeto. Levanta a discussão que embora o Brasil tenha um idioma oficial, outras línguas também são faladas, valorizando a cultura indígena. Traz também um trecho que trata de uma lei do município de São Gabriel da Cachoeira/AM que oficializa as línguas indígenas:

**Figura 9:** Livro de didático do 3º ano do Ensino Fundamental



**Fonte:** coleção Àpis: descobrir o Mundo

O livro apresenta uma lei que vem oficializar línguas de povos indígenas que vivem no local, reconhecendo que são línguas faladas no município e não os trata como invisíveis.

O livro traz informações bem atualizadas, buscando colocar o indígena na contemporaneidade, não apresentando a ideia antiga do indígena do passado, trazendo esses sujeitos históricos no tempo presente.

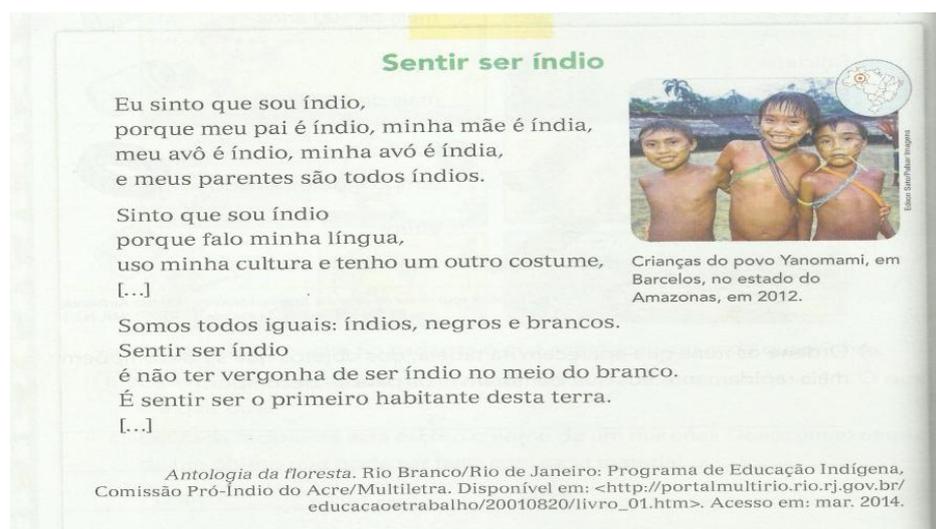
Na página 82 nos chamou a atenção quando o livro apresenta uma discussão sobre o preconceito. Um pequeno texto apresenta o que é o preconceito e racismo, dando ênfase ao preconceito contra o negro, citando o Movimento Negro. Junto ao texto apresenta-se uma imagem onde há três crianças sendo uma negra, a outra

branca e a terceira oriental. A análise desta imagem onde deliberadamente se omitiu o indígena nos leva a refletir sobre a discussão de que no Brasil o índio é tão discriminado que quando se fala em preconceito e racismo o índio não está incluso, como se não sofressem estes, e isso é o extremo do racismo, pois invisibiliza o indígena. Embora se faça uma boa discussão sobre o racismo e preconceito na questão do negro, e na próxima página coloque um oriental, uma mulher muçulmana, não se fala nada dos índios, que fazem parte do Brasil, e sofrem grande preconceito.

O livro traz também uma história em quadrinho apresentando duas concepções a branca e a indígena nas formas de enxergar a natureza, de lidar com a sociedade, a utilização dos recursos naturais pelo indígena sem destruir. Fazendo essa diferenciação entre as culturas, apontando que cada uma tem seu modo de viver. Ressaltando também que o livro busca naturalizar a moradia do índio, como mais uma moradia.

O livro tem um capítulo específico que vem falar sobre o indígena, intitulado “Origens indígenas e africanas nas paisagens do Brasil”, trazendo suas tradições, suas línguas, e que seus costumes são diferentes. Apresentando que essas diferenças entre os povos são normais, devem ser respeitadas e não utilizadas na construção de desigualdades. O livro traz a poesia abaixo:

**Figura 10:** Livro de História do 3º ano do Ensino Fundamental I



**Fonte:** coleção Ápis: descobrir o mundo.

Expondo que os indígenas têm sua língua própria, cultura e costumes. Na última estrofe do poema se dá ênfase em apresentar que índios, negros e brancos são todos iguais.

Na página 199 vem trazer o capítulo 3, intitulado “As comunidades indígenas”, discutindo que estas fazem parte do presente e que as comunidades indígenas não são iguais, que cada uma tem seu próprio costume, hábito, cultura, língua, moradia e organização, levando em conta a discussão já feita sobre a questão da não homogeneização da cultura indígena, apresentando as diferenças que as etnias indígenas tem entre si e fazendo com que o aluno perceba essas diferenças através de perguntas feitas no livro.

Após esta discussão, o livro trata de questões que são habituais e tradicionais nos livros como a relação do índio com a natureza, falando sobre o cocar, as sementes, mas o importante é que o livro não ficou só no exótico, mas apresentou antes importantes discussões para compreender os povos indígenas. Trazendo o contato entre as culturas diferentes, alertando que não estamos isolados e que há trocas entre as culturas do branco, do negro e do índio. É importante ressaltar que é difícil os livros discutirem essas temáticas, mas este se apresentou bem aberto e preocupado com estas questões. Desse modo, percebendo que a resenha do livro condiz com o que se apresenta, trazendo essa pluralidade dos povos indígenas brasileiros, seus valores, tradições, organizações, e participação.

O livro didático é um importante instrumento para o processo de ensino-aprendizagem, e a construção de conceitos dentro da sala de aula pode tê-lo como base pois *“Sabemos da importância da escola, e do espaço ocupado pelo livro didático, no processo de formação dos referenciais básicos das crianças da nossa sociedade.[...]”* (GRUPIONI,1995, pág.486), o livro didático tem papel importante para como a criança percebe a questão indígena dentro da sociedade, com isso este deve ser bem estruturado, e trazer as principais questões que estão sendo discutidas sobre essa temática.

### **3.1.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS**

Nessa parte do trabalho iremos analisar as respostas dos questionários dos professores, devido ao comprometimento quanto ao sigilo em relação aos nomes das professoras, vamos nomeá-las como professora A, B, C, D e E.

A primeira questão do questionário é se a escola possui livro didático de História de 3º ano, ao qual dentre as cinco escolas apenas duas não possuem livro didático de História, sendo que estas possuem os livros didáticos de Português, Matemática, a qual cabe aqui uma crítica, pois muitas vezes intitulam estas disciplinas como as mais relevantes para a criança aprender, mas é importante destacar a importância do ensino de história, bem como do seu livro didático. A outra escola não adota nenhum livro didático, mas a professora adota um livro de apoio, que já foi analisado dando ênfase na temática indígena.

Nas escolas que possuem o livro didático de História todas professoras afirmaram que o utilizam em suas aulas. Quando questionado às professoras se abordavam o tema afro-brasileiro e indígena em sala de aula, as respostas de todas foram que trabalhavam esta temática com os alunos.

A partir de agora iremos analisar por tópico as respostas das professoras às perguntas abertas que constam nos questionários.

### 3.1.2.1 PERGUNTA: QUAL A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR ESTE TEMA?

**Quadro 1:** Respostas do questionário.

Prof. A	“Combater o racismo e o preconceito racial no âmbito escolar.”
Prof. B	“[...] precisamos conhecer nossas origens e ter orgulho de sermos descendentes de povos que lutaram e lutam até hoje por seus direitos.”
Prof. C	Além do conhecimento, trabalhamos temas relacionados aos preconceitos. É muito importante falarmos da cultura, arte, modo de vida, vestimentas, alimentos etc.[...]”
Prof. D	“É importante faz parte da nossa história e cultura.”
Prof. E	“Muito importante, pois trabalha para a melhor formação do aluno, conhecendo as realidades”.

**Fonte:** Damasceno; Medeiros, 2018.

Nesta primeira questão as professoras citam a importância de trabalhar o tema em sala de aula, apresentam que é relevante discuti-lo ,principalmente, para se combater o racismo e o preconceito racial, ou seja, se as professoras estão citando esta questão em suas respostas, nos levam a pensar que estas reconhecem a existência do preconceito e do racismo, que vivenciaram algo assim, tanto pode ser na sociedade e até mesmo dentro da escola, daí é importante questionar a *democracia racial* que alguns acreditam que exista e é a partir desses relatos que podemos comprovar que não é o que acontece em nossa sociedade, pois o

professor está em contato com vários alunos, que fazem parte de diversas culturas e modos enxergar o mundo.

Uma professora apresenta a frase “lutaram e lutam até hoje” e coloca o verbo no presente, ou seja, ela interliga o passado e presente, o que mostra uma concepção diferenciada, onde não remete a temática como algo do passado.

A principal questão levantada pelas professoras sobre a importância do tema foi em relação às origens, a diversidade cultural, que faz parte da história, ligando-a ao passado, destacando a participação dos indígenas para construção da história brasileira.

### 3.1.2.2 PERGUNTA: QUAL A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA?

**Quadro 2:** Respostas do questionário.

Prof. A	“É importante para a formação dos alunos, possibilitando o conhecimento do passado dos diferentes grupos sociais e o melhor entendimento da evolução do ser humano ao longo dos tempos e no presente.”
Prof. B	“O ensino de História é importantíssimo, pois é por meio dele que conseguimos informações sobre nossas origens: de onde viemos e a que povos pertencemos.”
Prof. C	“É importante porque a necessidade de conhecer o passado e relacionando com o presente, faz com os educandos valorizem o passado para melhorar o presente e obter conhecimentos importantes para a vida.”
Prof. D	“Precisamos estudar o passado para entender o presente e conhecer os fatos da nossa vida e sociedade.”
Prof. E	“Sua importância é que a História nos apresenta a linha do tempo desde os séculos passados.”

**Fonte:** Damasceno ; Medeiros, 2018.

As professoras B e E remetem a uma visão mais tradicional da História, ligando-a ao passado. Já as outras professoras mencionam a questão do passado articulando-o ao presente. É importante conhecer o passado para melhorar o presente, pois somente quando se toma conhecimento de nossa história, os desafios, conquistas e reivindicações, é que se pode transformá-lo em instrumento de luta.

As professoras falam da questão de conhecer nossas origens, os povos a que pertencemos, o conhecimento do passado, ao qual uma professora cita o passado dos diferentes grupos sociais, mas chama atenção que é um passado diverso, que foi composto por diferentes culturas e isso é muito importante de ser discutido.

### 3.1.2.3 PERGUNTA: O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA QUE A ESCOLA ADOTA AJUDA A TRABALHAR A QUESTÃO INDÍGENA EM SALA DE AULA? POR QUÊ?

**Quadro 3:** Respostas do questionário.

Prof. A	“Sim. Porque temos a oportunidade de estudar as diferenças que existem entre os povos, as manifestações e suas tradições culturais.”
Prof. B	“Infelizmente não. Os livros didáticos que encontramos nas escolas pouco ou em nada nos ajudam, pois além do tema vir resumido, aborda povos de outras regiões. Á meu ver, precisamos sim conhecer a História dos povos indígenas, mas a prioridade deveria ser a história do nosso próprio povo. Ter conhecimento de nossas origens.”
Prof. C	Não houve resposta
Prof. D	“Não. O livro didático não aborda o assunto de maneira clara. Vem muito resumido.”
Prof. E	“Não tem o livro de História em nossa escola, mas procuramos nos informar buscando conhecimentos para passarmos aos alunos como pesquisas e outras fontes.”

**Fonte:** Damasceno ; Medeiros, 2018.

A professora A apresenta que o livro didático ajuda a trabalhar a questão indígena em sala de aula e que o livro é importante para estudar as diferenças que existem entre os povos, assim como também as manifestações e tradições culturais do indígena.

A professora B relata que o livro não ajuda a trabalhar a temática, afirmando que o assunto vem resumido e vem criticar dizendo que os textos encontrados nos livros abordam povos de outras regiões, reconhece a importância de trazer a tona a histórias dos povos indígenas, mas afirma que a prioridade deveria ser dos povos indígenas locais, para assim ter conhecimento de nossas origens, reivindicando assim a história do Amazonas, atentando para a falta de produção de material regional, e até mesmo a produção de material paradidático que evidencie a cultura local. Quando a professora B responde “Infelizmente não” deixa claro que a mesma queria que o livro viesse com tal assunto mais amplo e bem explicitado. Visto que a escola é municipal e que a história do município deve ser de suma importância.

A professora C não respondeu o questionário, em vista de que a escola não adota o livro didático de História. A professora D aponta também que o livro não ajuda na discussão do tema, e que o conteúdo não se apresenta de maneira clara, e também ressalta que vem muito resumido. A professora E diz que a escola não tem o livro de História, mas que busca outros meios, para apresentar aos alunos estes conhecimentos.

Quando as professoras fazem a crítica que o tema vem muito resumido, isto pode indicar vários pontos, como quando o professor se atém apenas ao livro didático utilizando-o como “muleta”. Esta visão pode decorrer de uma deficiência na formação inicial, onde não foi bem trabalhada essa temática, para que o professor mesmo como uma versão resumida do tema, consiga a partir de sua formação, debater em sala de aula a temática indígena. Outra questão é que a lei que obriga as escolas a trabalharem a questão afro-indígena é recente, do ano de 2008, assim não era obrigatório ter nas universidades uma disciplina específica para a temática. A incorporação da questão indígena nos currículos das licenciaturas no Ensino Superior é recente. Do mesmo modo o excesso de carga horária do professor, que muitas vezes tem tanto trabalho que não consegue parar para pesquisar.

Das três professoras que tinham o livro didático de História apenas uma afirmou que o livro ajuda a trabalhar o tema, respondendo que permite trabalhar as diferenças entre os povos, as manifestações e tradições culturais. Duas professoras afirmaram que o livro não ajuda citando que o conteúdo vem muito resumido e que o tema não se apresenta de maneira clara.

### 3.1.2.4 PERGUNTA COMO VOCÊ TRABALHA A QUESTÃO INDÍGENA EM SALA DE AULA?

**Quadro 4:** Respostas do questionário.

Prof. A	“Com pesquisas, recorte e colagem, conversa informal, vídeos com informações mostrando a importância e a riqueza das misturas dos povos ao longo do tempo.”
Prof. B	“Por não ter muito conhecimento a respeito do tema e não encontrar livros que abordem o assunto, a questão indígena é trabalhada por mim de maneira superficial. Isto faz com que não tenhamos conhecimento de nossa própria história.”
Prof. C	“Trabalho através da história, dos contos indígenas, o respeito à cultura, as tradições, valorizando o conhecimento que as crianças já têm, usando estratégias que ajudem a combater o racismo. Este ano trabalhei um ritual tribal, fizemos pesquisas das tribos, englobando a língua, a dança, tradições e no final apresentamos o ritual na festa agostina, foram três meses de trabalho.”
Prof. D	“Como o livro não ajuda muito, tenho que buscar outros meios: recursos didáticos como tecnologias, recorte e colagem e outros textos informativos.”
Prof. E	“Trabalhamos através de pesquisas e de livros diferenciados, por meio da internet e outros.”

**Fonte:** Damasceno ; Medeiros, 2018.

O que chamou a atenção foi quando uma professora cita o termo *as misturas* dos povos ao longo do tempo, e atentar que não foram misturas dos povos, mas sim que a história é feita do aprisionamento de uma cultura, que foi forçada a vir para o Brasil, que são os negros, vindo como escravos, e do genocídio indígena, então isso é um **pressuposto** da professora, é uma ideia de miscigenação. Ao utilizar este termo corre-se o risco de camuflar as lutas e guerras destes povos.

Uma professora aponta que não encontra livros que abordem o tema. A questão indígena não é trabalhada de forma profunda em sala de aula e diz que o que dificulta mais é “não ter muito conhecimento a respeito do tema”. Aqui cabe novamente a crítica da formação inicial do professor e, também, da formação continuada, pois quem está falhando é a rede municipal, que através de cursos, palestras e incentivo à pós-graduação (com liberação do professor e o pagamento de adicional de titularidade) este problema poderia ser suprido. E ao final a professora lamenta dizendo que com isso não temos conhecimento da nossa própria história.

Uma professora aponta que trabalha com contos e histórias indígenas, ao qual presenciei estes contos durante o estágio, percebendo que através destes contos era possível conhecer a cultura indígena, seus costumes, alimentação, modos de organização e valores. Percebeu-se que a narrativa tinha total atenção dos alunos, e que gostavam muito do momento das histórias. Essas narrativas foram feitas na data comemorativa “*O dia do Índio*”, onde durante a semana houve algumas informações apresentadas pela professora sobre a temática. Durante o estágio somente nesta semana houve discussão sobre a temática indígena em sala de aula, podendo assim fazer uma crítica onde a discussão deste tema se resume e centraliza-se nessa semana e é esquecida no restante do ano letivo.

A maioria das professoras se utilizam de pesquisas na internet, recorte e colagem, textos informativos e livros diferenciados para trabalhar a temática indígena em sala de aula com ou sem o apoio do livro didático.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar o livro didático de História de 3º ano do Ensino Fundamental I, demonstrando se livros didáticos e de apoio evidenciam a realidade indígena, suas lutas, manifestações e cultura, e a visão das professoras quanto a estes livros. Advertindo que se deve ter um olhar mais crítico para o livro nas escolas, para perceber quais conceitos estão almejando que os alunos da rede pública construam sobre esses povos.

Através da metodologia adotada possibilitou-se a realização da pesquisa e o alcance dos resultados para fazer a análise. Partindo da ida às escolas, que tinham o 3º ano do Ensino Fundamental I, na busca dos livros didáticos de História, ao qual nos deparamos com escolas que não adotavam estes livros. Após este passo, aplicamos os questionários com as professoras que ministravam as aulas do 3º ano, houve relutância da parte destas, mas com o diálogo foi resolvido.

Durante a pesquisa houve a leitura de livros e textos que contribuíram para enxergar melhor o tema, compreender a temática indígena no tempo presente, construindo novas ideias e tomando novos conhecimentos que ajudaram a realizar análise dos resultados.

O livro didático é o instrumento utilizado por alunos e professores diariamente, e atentar para a questão indígena no livro de História vem contribuir para combater a intolerância e o racismo presente na sociedade.

O primeiro livro analisado “O dia-a-dia do Professor” por ser um livro antigo, e que não é um livro didático, ainda vem com conceitos e informações ultrapassadas em relação ao indígena, pode se dizer que este livro não é adequado para trabalhar a questão indígena em sala de aula.

No segundo livro da coleção Porta Aberta, que é um livro didático, que passou pelas avaliações e critérios do PNLD, as discussões em torno da questão indígena não são ponderadas, a temática não é bem abordada, diz que valoriza a contribuição indígena, entretanto isso não se expõe em suas páginas. Assim sendo, o livro não traz questões para boas discussões sobre a temática em sala de aula.

O terceiro livro coleção Brasileira é um livro didático bom, pois apresenta questões que condizem com a realidade dos povos indígenas, assim como também traz em diversas páginas o índio como protagonista de sua própria história.

O último livro didático da coleção Ápis: descobrir o mundo traz discussões importantes sobre a temática, apresenta um capítulo direcionado ao tema, mas não transparece que estão os separando, pois em outras de suas páginas há a inclusão desses povos como mais um povo que faz parte do Brasil.

Em síntese, alguns livros não se adequam muito as discussões atuais sobre os povos indígenas, trazem concepções atrasadas e/ou não inclui o indígena como parte da identidade cultural do país. Mas alguns se sobressaem quando trazem discussões e ideias que respeitam a história, a cultura, os direitos e lutas desses povos.

A análise dos questionários levou a conclusão que as professoras acreditam que esta temática seja de suma importância para a construção de uma sociedade tolerante, que respeite as diferenças, mostraram preocupação com o combate ao racismo, discriminação, preconceito racial, que através dessas discussões em sala de aula, veem um modo de contribuir para combater estas problemáticas na sociedade. Reconhecem que os indígenas e negros lutam frequentemente por seus direitos.

O que se destacou também foi que com ou sem o livro didático a maioria das professoras não se atinham a eles, sempre buscando se atualizar, se inteirar sobre as discussões através das pesquisas e a busca por informações em outros meios, trazendo vídeos, contos indígenas, textos informativos e livros diferenciados.

A maioria das professoras entendiam que o livro didático não ajudava nesta discussão, por isso deve-se atentar á estas críticas, visto que são estas que estão no dia a dia com seus alunos, percebendo as necessidades, os seus problemas, e mostram que não estão satisfeitas com o que livro didático traz sobre temática indígena para discutir em sala de aula.

Sendo importante também ressaltar que duas das cinco escolas não tinham o livro didático de História. Havia o livro de Matemática e Português mas não o de História, trazendo uma imagem de que nesta etapa se valoriza mais estas disciplinas.

Através do questionário pudemos perceber as visões e concepções das professoras sobre a temática e o livro didático de História disponibilizado pelo PNLD, tendo bons resultados sobre o tema em sala de aula, a maioria das professoras não estão satisfeitas com o que é apresentado nos livros.

Devemos nos atentar também que o presidente eleito em 2018 vem com ideias e propostas sobre o indígena que podem refletir no livro didático. Propõe “integrar” o índio, e isso é querer impor a sua cultura acima do outro. O indígena não teria o direito de ser quem ele é e isso irá influenciar na elaboração dos livros. Estas ideias podem ser impostas dentro do currículo escolar, no modo que irão apresentar a temática em sala de aula.

Portanto, através da pesquisa percebemos que ainda há livros didáticos circulando pelas escolas que trazem ideias preconceituosas, mas que há também outros que vem combater estes pensamentos, que as professoras estão dispostas a combatê-los também, isto deve ser uma preocupação para toda a sociedade, pois precisamos refletir sobre o modo que estão apresentando os indígenas dentro do livro e em sala de aula, onde estão nossos filhos, sobrinhos, primos, crianças que estão em processo de formação de conceitos, que irão atuar dentro da sociedade, e com os conhecimentos e ideias adequadas podem ajudar a combater os problemas que o indígena sofre no país.

## REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Entrevista: Gersem José dos Santos Luciano** – Gersem Baniwa, Pelotas (RS), 15 de maio de 2012, durante o II Fórum Internacional da Temática Indígena. *Revista História Hoje*, v. 1, no 2, p. 127-148 – 2012.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.**

BRASIL, **Decreto nº 6.040 de 07 de fevereiro de 2007.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 07 de fevereiro de 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** , 2017

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Brasília, 2003.

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Brasília, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental/MEC/SEF, 1997.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas.** Currículos sem Fronteiras. v.11, .2., pág. 240-255, Jul/Dez 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro da, **História dos índios no Brasil** / organização, Manuela carneiro da cunha . São Paulo : Companhia das letras: Secretaria Municipal de Cultura : FAPESP, 1992.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 11 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos.** 3 ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

FREITAS, Itamar. **A experiência indígena no ensino de História.** História : ensino fundamental / Coordenação Margarida Maria Dias de Oliveira . - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Coleção Explorando o Ensino. Vol. 21, 2010.

GOMES, Nilma Lino, **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** uma breve discussão. Coleção para todos Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, Brasília: Ministério da Educação, pág. 39-62, 2005.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Livros didáticos e fontes de informações sobre as sociedades indígenas no Brasil.** A temática indígena na escola: novos

subsídios para professores de 1º e 2º graus / org. Aracy Lopes da Silva e Luís Donizete Benzi Grupioni. Brasília, MEC/MARI/ UNESCO, pág. 481- 525, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopez Louro. 11 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. São Paulo : Atlas 2003.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos, 7 ed. São Paulo: Atlas , 2010.

LANDER, Edgardo Libro: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas.** Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.

MAIO, Marcos Chor, **O Projeto Unesco: ciências sociais e o “credo racial brasileiro”** REVISTA USP, São Paulo, n.46, p. 115-128, junho/agosto 2000.

MEDEIROS, Mônica Xavier de. **PUXIRUM DE HISTÓRIAS: Lutas por terras e águas em Vila Amazônia – Parintins/AM (1980-2000).** (Tese de Doutorado). 2017.

NASCIMENTO, José Antonio Moraes do, **História e cultura indígena na sala de aula.** Revista Latino-Americana de História Vol. 2, nº. 6 – Agosto de 2013 – Edição Especial.

PAIVA, Adriano Toledo. **História indígena na sala de aula.** Belo Horizonte, MG, Ed. Fino Traço. 2012.

SEVERINO, Antonio Joaquim, 1941 **Metodologia do trabalho científico.** 23. Ed. ver. E atual São Paulo Cortez , 2007.

SILVA, Maria de Fátima Barbosa da Silva. **Livro didático de História: representações do ‘índio’ e contribuições para a alteridade.** *Revista História Hoje*, v. 1, no 2, pág. 151-168, 2012.

STRAUSS, Anselm. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamental.** 2 ed. Porto Velho: Artmed, 2008.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz, **Sociedades indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural.** A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus /org. Aracy Lopes da Silva e Luís Donizete Benzi Grupioni — Brasília, MEC/MARI/ UNESCO, pág. 445 – 479, 1995.

TODOROV, Tzvetan, 1939- **A conquista da América: a questão do outro.** Tradução Beatriz Perrone Moisés. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## SITES

ASCOM/CIMI, **Plataforma CACI mapeia mais de mil assassinatos de indígenas nas últimas três décadas.** 29/09/2018 Disponível < [www.cimi.org.br](http://www.cimi.org.br)> Acesso 07 de novembro de 2018.

GEBRIM, Sophia. **É tempo de Kwarup** . Publicado: Sexta, 17 Agosto 2012. Disponível em < [www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br)> Acesso em 07 de novembro de 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas**, 10 de agosto de 2012. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br>> Acesso em 23 de novembro de 2018.

MEC- Secretaria da Educação Básica. **PNLD 2016: Guia Digital. História.** Disponível em < [www.fnde.gov.br/pnld-2016](http://www.fnde.gov.br/pnld-2016)> Acesso em 10 de novembro de 2018.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbetes **PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/pnld-programa-nacional-do-livro-didatico/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2018.

Ministério do Esporte . **Jogos dos Povos Indígenas.** Disponível em < <http://portal.esporte.gov.br/sndel/jogosIndigenas/XJogos/modalidades>> Acesso em 23 de novembro de 2018.

PHILLIPS, David J. **Tapuia** . Disponível< <https://brasil.antropos.org.uk>> Acesso em 11 de novembro de 2018.

Portal do MEC. **PNLD.** Disponível em <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 07 de novembro de 2018.

## APÊNDICES



### UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP

#### Questionário

Nome da escola: \_\_\_\_\_

A escola possui livro didático de 3º ano:

Sim

Não

Se sim. Quais? \_\_\_\_\_

Utiliza o livro didático de História em sala de aula ?

Sim

Não

Aborda o tema afro-brasileiro e Indígena em sala de aula ?

Sim

Não

Se sim. Qual a importância de se trabalhar este tema ?

---



---



---

Qual a importância do ensino de História ?

---



---



---

---

---

O livro de didático de História que escola adota ajuda a trabalhar a questão indígena ?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Como você trabalha a questão indígena em sala de aula?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Estimado (a) professores (ras) vocês estão sendo convidados (as) a participarem, como voluntário da pesquisa intitulada “Educar para o respeito às diferenças: questão indígena na sala de aula” a ser realizadas com professores de História de 3º ano do Ensino Fundamental I. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Com este documento fica garantido o sigilo de informações pessoais (nome), bem como garantimos a não divulgação da sua imagem.

Este estudo tem como principal objetivo geral mostrar a importância da explanação do tema afro- brasileiro e indígena em sala de aula.

Por isso, solicitamos a gentileza de nos conceder espaços para aplicação de questionário.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISADORA**

Pesquisador (a) Responsável: Sanna Kellen Damasceno Matos

Telefone para contato: 99340-6975

E-mail: sannadm@outlook.pt

Pesquisadores participantes: (Orientadora). Profa. Dra. Mônica Xavier

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DOS (AS) PROFESSORES (AS) NA PESQUISA**

Eu \_\_\_\_\_, abaixo assinado, declaro ter concordado em participar, livre e gratuitamente, como sujeito responder questionário, na pesquisa intitulada “Educar para o respeito às diferenças: questão indígena na sala de aula” sob a responsabilidade de **Sanna Kellen Damasceno Matos** – Acadêmica do curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins- CESP-UEA. Informo que enquanto participante da referida pesquisa fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisador (a) sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, assim, autorizo que as atividades realizadas, bem como os meus relatos possam acompanhar os instrumentos de coleta de dados e posterior análise desse estudo.

Local e data \_\_\_\_\_, /\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura do (a) participante Responsável

\_\_\_\_\_  
**Sanna Kellen Damasceno Matos**